



Ana Rita Santos Gonçalves

**Turismo em tempos de pandemia: A visão da população residente no
Porto sobre o presente e o futuro da atividade turística na cidade**

Dissertação realizada sob orientação da
Profª Doutora Maria Isabel Andrés Marques

Julho 2022



Ana Rita Santos Gonçalves

**Turismo em tempos de pandemia: A visão da população residente no
Porto sobre o presente e o futuro da atividade turística na cidade**

Dissertação de Mestrado

Gestão de Turismo

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 14 de julho de 2022, perante o seguinte júri:

Presidente: Prof^a Doutora Diana da Silva Dias (Professora Catedrática da Universidade Lusófona do Porto);

Arguente: Prof^a Doutora Medéia Veríssimo Silva de Araújo (Professora Auxiliar da Universidade Portucalense);

Orientador: Prof^a Doutora Maria Isabel Andrés Marques (Professora Associada da Universidade Lusófona do Porto).

Julho 2022

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Termina agora mais um ciclo importante na minha vida e a realização e conclusão desta dissertação não teria sido possível sem a intervenção de todas as pessoas envolvidas, ao longo de todo o processo.

Em primeiro lugar, agradecer à minha professora e orientadora Prof^a Doutora Maria Isabel Andrés Marques, por ter aceitado desde o início ser a pessoa que me iria orientar, ajudar e apoiar em todas as decisões. O meu muito obrigada, pois sem o seu vasto conhecimento nada disto seria possível.

Agradecer também a todos os professores do mestrado de Gestão de Turismo da Universidade Lusófona do Porto, bem como a todos os meus colegas, por todos os conhecimentos que me transmitiram e partilharam durante esta caminhada.

Importa agradecer também a todos os residentes que aceitaram fazer parte deste estudo, pelo tempo disponibilizado e simpatia com que me receberam, foram sem dúvida parte fundamental para a realização do estudo.

A todos os meus colegas de trabalho e amigos, pela paciência e apoio durante a realização desta dissertação.

À minha família, pais, irmã, prima Ana Isabel e Diogo, obrigada por todo o suporte, compreensão, companheirismo e amor, cada um, à sua maneira, deixou uma marca nesta dissertação.

A todos os envolvidos, o meu muito obrigada, por sempre acreditarem em mim e estarem presentes quando mais precisei.

“A gratidão é o único tesouro dos humildes”

William Shakespeare

Resumo

A presente dissertação de mestrado foi realizada em plena pandemia Covid-19 na cidade do Porto e analisa a perceção dos residentes relativamente à atividade turística na cidade no passado, presente e futuro.

O momento de transição que se vive atualmente permite repensar a atividade turística e as formas de reativar o turismo envolvendo as populações locais na gestão e nas tomadas de decisão, tendo em vista a gestão sustentável dos destinos.

Neste estudo foi abordada a problemática dos impactos que o turismo tem nos destinos, a perceção que os residentes têm destes impactos e a forma como essa perceção afeta o desenvolvimento da atividade turística e a participação ativa das populações na gestão dos destinos.

Como instrumento metodológico do estudo foi aplicado um questionário aos residentes na cidade do Porto. Podemos assim verificar que os residentes têm uma maior perceção dos impactos negativos na cidade, contudo esta perceção negativa não afetou a forma positiva com que os residentes percecionam a importância do turismo para o desenvolvimento da cidade. Os residentes demonstraram estar satisfeitos com o turismo na cidade e esperam que no futuro este continue a evoluir e desenvolver-se.

De acordo com diversos outros estudos, torna-se fundamental envolver os residentes e auscultá-los quanto à sua perceção, pois assim será possível agir de forma mais eficaz, para reduzir a perceção dos impactos negativos.

Neste estudo são ainda apresentadas medidas para impulsionar o turismo em diversos destinos turísticos, seguindo um modelo que não priorize apenas o crescimento do turismo, mas sim pensado nos interesses e benefícios da comunidade, qualidade do emprego e reconciliação ecológica.

Palavras-chave: turismo, gestão de destinos, impactos do turismo, desenvolvimento turístico, covid-19.

Abstract

This master's dissertation was carried out in the middle of the Covid-19 pandemic in the city of Porto and analyzes the perception of residents regarding tourism activity in the city in the past, present and future.

The current moment of transition allows rethinking the tourism activity and the ways to reactivate tourism involving local populations in management and decision-making, with a perspective on sustainable management of destinations.

This study addressed the problem of the impacts that tourism has on destinations, the perception that residents have of these impacts and how this perception affects the development of tourism activity and the active participation of populations in destination management.

As methodological instrument of the study was applied a survey to the residents in Porto. We can verify that residents have a higher perception of the negative impacts on the city, however this negative perception did not affect the positive way in which residents perceive the importance of tourism for the development of the city. Residents were satisfied with tourism in the city and hope that in the future it will continue to evolve and develop.

According to several other studies, it is essential to involve residents and listen to their perceptions, because this way it will be possible to act more effectively to reduce the perception of negative impacts.

This study also presents measures to increase tourism in several tourist destinations, following a model that does not prioritize only the growth of tourism, but rather thinks about the interests and benefits of the community, quality of employment and ecological reconciliation.

Keywords: tourism, destination management, tourism impacts, tourism development, covid-19.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Lista de Abreviaturas	vi
Índice de Gráficos	vii
Índice de Tabelas	vii
Capítulo I – Introdução	1
Capítulo II – Revisão da Literatura	4
2.1. Turismo urbano	4
2.2. Desenvolvimento turístico e Sustentabilidade: conceitos e modelos	6
2.2.1. A Sustentabilidade	9
2.2.1.1. Metas de desenvolvimento sustentável da ONU	10
2.3. Impactos do Desenvolvimento Turístico para as regiões	11
2.3.1. Impactos Económicos	12
2.3.2. Impactos Socioculturais	13
2.3.3. Impactos Ambientais	14
2.4. Modelos de desenvolvimento turístico para os destinos	15
2.5. Perceção dos residentes face ao desenvolvimento turístico	17
2.6. Atitude dos residentes face ao desenvolvimento turístico	20
2.7. Envolvimento da população na gestão e desenvolvimento dos destinos	21
Capítulo III – Turismo no Porto na era de Covid-19	23
3.1. Turismo no destino Porto	23
3.2. Turismo em contexto Covid-19	25
3.3. Efeito da pandemia nos destinos e no comportamento dos visitantes	27
3.4. Turismo e Covid-19: do <i>overtourism</i> à estagnação	28
3.5. Repensar o Turismo na era Covid-19	29
3.6. Medidas a implementar para impulsionar o Turismo	31
Capítulo IV- Investigação Empírica	33
4.1. Pressupostos teórico-metodológicos	33
4.2. Objetivos do estudo	33
4.3. Hipóteses	33
4.4. Metodologia – Ferramentas de análise empírica	34
4.5. Universo e Amostra	36
Capítulo V- Análise e Discussão de Resultados	38
5.1. Caracterização da Amostra	38

5.2. Discussão de Resultados	41
5.3. Validação das hipóteses.....	49
Capítulo VI- Conclusões	51
Capítulo VII- Limitações e estudos futuros	54
Bibliografia	55
Anexos	61
Anexo I - Questionário.....	61
Anexo II – Gráficos e tabelas	66

Lista de Abreviaturas

CHP – Centro Histórico do Porto

FMI – Fundo Monetário Internacional

INE – Instituto Nacional de Estatística

OMT - Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

TPNP – Turismo Porto e Norte de Portugal

UE – União Europeia

UNWTO - *World Tourism Organization*

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Estado civil dos residentes no Porto	36
Gráfico 2: Idade dos residentes no Porto	36
Gráfico 3: Habilitações dos residentes no Porto	36
Gráfico 4: Sexo dos inquiridos	38
Gráfico 5: Idade dos inquiridos	38
Gráfico 6: Habilitações literárias dos inquiridos	39
Gráfico 7: Se inquiridos nasceram no Porto	39
Gráfico 8: Se inquiridos sempre residiram no Porto	39
Gráfico 9: Freguesia em que residem os inquiridos	40
Gráfico 10: Tempo de residência no Porto	40
Gráfico 11: Situação face ao emprego	40
Gráfico 12: Se inquiridos trabalham no CHP	41

Índice de Tabelas

Tabela 1: Residentes no Concelho do Porto	35
Tabela 2: Média dos impactos económicos Positivos	42
Tabela 3: Média dos impactos socioculturais positivos	43
Tabela 4: Média dos impactos ambientais positivos	43
Tabela 5: Média dos impactos económicos negativos	44
Tabela 6: Média dos impactos socioculturais negativos	45
Tabela 7: Média dos impactos ambientais negativos	45
Tabela 8: Média do grau de envolvimento com o turismo	46
Tabela 9: Média turismo no Porto futuramente	47
Tabela 10: Média turismo no Porto	48
Tabela 12: Média impactos positivos	49
Tabela 11: Média impactos negativos	49
Tabela 13: Média dos impactos positivos	49
Tabela 15: Média turismo no Porto	50
Tabela 14: Média dos impactos negativos	50
Tabela 16: Média turismo no Porto futuramente	50

Capítulo I – Introdução

A presente dissertação constitui o culminar do Mestrado em Gestão de Turismo, pela Universidade Lusófona do Porto, sob o tema Turismo em tempos de pandemia: a visão da população residente sobre o presente e o futuro da atividade turística na cidade.

Desde o início do século XX que o turismo urbano tem vindo a crescer muito rapidamente. No ano de 2019, o turismo foi a maior atividade económica exportadora do país e assumia um papel crucial para ultrapassar a crise vivida no passado. Com o aparecimento de uma pandemia e as viagens suspensas, surgem novas questões para a sobrevivência dos destinos urbanos e respetivos residentes.

Desta forma, a presente dissertação pretende essencialmente analisar a perceção dos residentes acerca do turismo antes e durante a pandemia e perceber de que forma os residentes esperam que a atividade se desenvolva no futuro. Aliado a estes dois objetivos principais, pretende-se ainda analisar os impactos positivos e negativos do turismo, perceber o grau de envolvimento dos residentes com o turismo e averiguar de que forma esperam que o turismo se desenvolva no futuro.

Ao longo da dissertação focam-se conceitos fundamentais para enquadrar teoricamente a temática do desenvolvimento dos destinos urbanos e os impactos que a atividade turística tem nos destinos, assim como a importância da realização de estudos junto das populações locais para a gestão participativa no desenvolvimento dos destinos.

Quando pensamos em desenvolvimento turístico não podemos excluir o turismo como uma atividade económica que permite que o desenvolvimento aconteça, contudo, é fundamental que o turismo siga uma política planeada e construída a partir de ideias de bem-estar, e não apenas na análise dos impactos positivos e negativos, que afetam tanto residentes como visitantes. Um dos fatores que muito contribui para que o desenvolvimento aconteça de forma natural, é incluir os residentes como parte fundamental para a tomada de decisões e não apenas como parte que irá beneficiar com os ganhos. O turismo deve ser visto pelos governantes como uma estratégia de desenvolvimento para diminuir as desigualdades económicas e sociais através da geração de renda e emprego, mas sem esquecer as características do local.

A nível económico o turismo tem um papel fundamental que permite que o destino se desenvolva, pois entre outros permite a criação de emprego e desenvolvimento da economia local, contudo estes também podem ser percebidos como negativos quando existe um aumento do custo de vida e inflação de preços.

Quando passamos para os impactos socioculturais, verifica-se que estes surgem do contacto entre residentes e visitantes e podem ocorrer em menor ou maior escala, dependendo do tipo de turismo praticado. Estes podem ser percebidos como negativos quando os residentes não conseguem acompanhar o nível de vida dos visitantes, fazendo com que se sintam frustrados e desenvolvam sentimentos de anti turismo. Quanto aos impactos ambientais, a maioria dos estudos defende que são, na sua maioria, impactos negativos.

O desenvolvimento do Turismo não se resume apenas a uma harmonia entre a oferta de produtos turísticos e a procura turística, mas também envolve um conjunto de interações entre turistas e residentes e por isso é fundamental incluir os residentes para traçar qualquer plano de turismo. A satisfação dos residentes reflete-se na hospitalidade e experiência do turista. Verificamos que, de uma forma geral, os residentes percecionam os impactos de forma positiva, e quanto mais superficial é o contacto entre residentes e turistas, mais positiva é a perceção sobre os impactos. As comunidades que obtêm benefícios diretos do turismo tem tendência a ter uma perceção mais positiva.

O *overtourism*, que era o tema central e de maior preocupação no setor do turismo, deixa drasticamente de o ser, para passar a ser a redução ou quase estagnação das viagens a nível mundial. Os excessos do turismo que se visualizava no passado são agora ofuscados por um cenário de incerteza, devido à desaceleração no setor nas viagens e coloca pequenos e grandes empreendimentos em risco. Assim, é crucial alinhar estratégias de planeamento direccionadas para a reinvenção e reordenamento do turismo.

De forma a responder aos objetivos desta dissertação, é aplicado um questionário aos residentes no Porto para através dos resultados obter mais conhecimento sobre a perceção dos residentes sobre o turismo antes e durante a pandemia Covid-19 na cidade do Porto, perceber como esperam que a atividade turística se desenvolva no futuro, analisar os impactos positivos e negativos do turismo no Porto para os residentes, perceber a visão dos residentes quanto ao seu grau de envolvimento com o turismo na cidade e averiguar como os residentes gostariam que o turismo se desenvolvesse na cidade do Porto.

Quando analisados os resultados é possível responder às hipóteses propostas para este estudo, que se centram especialmente em perceber se os residentes têm uma perceção positiva sobre a atividade turística na cidade, se os residentes entendem o turismo como uma atividade importante para o desenvolvimento da cidade, verificar se os impactos negativos afetam a perceção dos residentes sobre a importância do turismo e, por último verificar se os residentes gostam de ver turistas na cidade.

De uma forma geral, percebemos que se todos os *stakeholders* envolvidos na gestão do destino estão satisfeitos, é mais simples atingir o desenvolvimento sustentável, pois permite que a perceção dos impactos positivos se amplie relativamente aos impactos negativos.

Ao envolver os residentes de um destino na tomada de decisões, como parte integrante dos *stakeholders* que planeiam o desenvolvimento turístico, torna-se uma mais valia para atingir o desenvolvimento sustentável de forma mais eficaz.

O momento de transição que estamos a viver atualmente é crucial para repensar o turismo e as diversas formas de gestão de um destino, e assim não cometer os erros que se verificaram no passado.

Capítulo II – Revisão da Literatura

O objetivo deste capítulo visa apresentar os conceitos teóricos que estão subjacentes ao desenvolvimento desta dissertação e que são fundamentais para enquadrar teoricamente a temática do desenvolvimento dos destinos urbanos e dos impactos que atividade turística tem nos destinos, assim como a importância da realização de estudos junto das populações locais para perceber a sua posição como agentes envolvidos na gestão participativa no desenvolvimento dos destinos turísticos.

2.1. Turismo urbano

Enquanto o Turismo de Sol de Praia esteve na origem da criação do turismo de massas nas décadas de 60 e 70, do século XX, o turismo urbano tem vindo a crescer muito rapidamente numa reedição da procura pelas cidades e pelo património. Estas novas expressões de turismo urbano acontecem agora numa dimensão renovada com novos perfis demográficos e novas dimensões tecnológicas (Costa & Albuquerque, 2017).

Em 2019, o turismo foi a maior atividade económica exportadora do país, responsável por 52,3% das exportações de serviços e 19,7% das exportações totais, tendo as receitas turísticas registado um contributo de 8,7% no PIB português (Turismo de Portugal, 2020).

Recuando até 2008/09, o Turismo tinha tido um papel crucial para o país conseguir ultrapassar a crise que se vivia, e desde esse momento que se encontrava em crescimento contínuo, caracterizado por uma maior diversidade de segmentos e modalidades, como *City breaks*, turismo cultural, de negócios, de congressos, de saúde e de compras (Barata-Salgueiro, 2017 cit in Alpestana, 2021). Assim, as cidades reforçaram a sua atratividade e o turismo transformou-se num dos seus principais fatores de renovação.

Barata Salgueiro (2017 cit in Alpestana, 2021) acrescenta ainda que a afirmação do turismo urbano no início da 2ª década do século XXI está associada à globalização. O produto *city break* tornou-se mais acessível, devido ao aparecimento das companhias aéreas *low cost* na Europa. Por outro lado, é também resultado dos incentivos à reabilitação urbana, ações de requalificação do património e do espaço público, marketing urbano e crescimento da oferta cultural.

Pearce (2001) defende que o turismo urbano é o conjunto de atividades que se podem realizar e ainda o conjunto de sítios para visitar que tornam os destinos urbanos atrativos. O turismo urbano apresenta-se como um conceito complexo e que depende de fatores como o tamanho da cidade, a história, cultura, morfologia, ambiente, localização e imagem (Daskalopoulou & Petrou, 2009). Também Law (2000 cit in Murta 2008) definiu o turismo urbano como um conjunto de atividades que estão interligadas e capacitam a cidade para atrair visitantes, ou seja, não existe um fator-chave para caracterizar o turismo urbano, mas sim vários elementos articulados que se irão tornar num fator de atração.

Em Portugal, o turismo urbano tem maior expressão em Lisboa e no Porto pela diversidade de atividades, atrações, equipamentos, infraestruturas e transportes (Costa e Albuquerque, 2017). É gerado em ambientes urbanos e direciona-se para esses mesmos ambientes, atraindo, essencialmente consumidores que vivem também em áreas urbanas.

As motivações para a prática do turismo urbano têm por base a procura e o conhecimento da cultura, do património e das civilizações. Desta forma, este tipo de turista exerce uma procura mais intensa pelos equipamentos e infraestruturas de alojamento, restauração, transportes, operações turísticas, atividades recreativas, eventos culturais e sobre todo o ecossistema urbano (Brito-Henriques, 2003). As motivações centram-se também na vontade de visitar familiares e amigos, viagens de negócios e fazer compras, ou seja, constituem maioritariamente deslocações de curta duração que se podem até enquadrar na categoria do excursionismo e por isso não tem visibilidade estatística por não existir dormida (Brito-Henriques, 2003).

O turismo urbano, embora economicamente benéfico, apresenta questões sociais e ambientais relevantes e que as cidades começam a considerar, nomeadamente a contestação dos moradores, a gentrificação e a necessidade de igualdade na distribuição dos benefícios. O aumento do turismo urbano e o aumento das viagens internacionais, maioritariamente de estadias curtas, estão associados ao aumento da pegada carbónica (Alpestanda, 2021).

Tendo como base as motivações para a prática de turismo urbano, Cazes e Potier (cit in Brito-Henriques, 2003) identificaram cinco modalidades de turismo em espaço urbano, são elas:

- Turismo de reencontro, que inclui viagens realizadas com o intuito de visitar familiares e amigos, particularmente em períodos festivos;
- Turismo de negócios, aqui inclui-se o turismo de congressos e associam-se a estadas curtas em dias de semana;

- Turismo de eventos, ou seja, motivado por acontecimentos ocasionais sobretudo de natureza cultural ou desportivo;
- Turismo comercial que é motivado pelas compras;
- Turismo de recreio, que engloba as restantes viagens desenvolvidas nos tempos livres com o objetivo de lazer, fruição ou descanso.

Costa e Albuquerque (2017) elaboraram um modelo de gestão para os destinos urbanos centrado em três dimensões importantes para o futuro: Identidade, Competitividade e Redes. Os atores das três redes devem ter uma boa conectividade entre si e trabalhar uma política e visão conjuntas. Este modelo de gestão defende que os destinos devem apostar na sua identidade e na singularidade da oferta cultural e patrimonial, para assim criarem a sua marca e permitirem experiências autênticas. Uma vez que existem outras ofertas semelhantes, os destinos devem trabalhar a sua competitividade, tendo sempre por base o interesse no seu território e os interesses dos residentes. Por último, encontram-se as redes, constituídas por todos os produtos, serviços, empresas, organizações e consumos que compõem a experiência turística.

Quando se pensa no desenvolvimento do turismo como uma possibilidade para um destino urbano torna-se necessário procurar no espaço dessa localidade os meios para que a atividade turística seja bem-sucedida (Murta, 2008).

Castrogiovanni (2000 cit in Murta, 2008) defende que o espaço da localidade deve ser visto como um fator de evolução social e, por isso, ser produzido e reproduzido constantemente. O fluxo de turistas que fazem parte desse espaço são também motores de desconstrução do cenário urbano. Acrescenta ainda que, projetam-se duas perspetivas sobre a paisagem urbana: a visão global e a visão específica. A visão global abrange o conjunto regional como um todo onde se pretende perceber a paisagem natural e a paisagem construída. A visão específica pretende destacar os elementos marcantes e singulares da paisagem urbana, aqui podemos incluir os indivíduos, por serem os atores que ajudam a construir e diferenciar o espaço urbano.

2.2. Desenvolvimento turístico e Sustentabilidade: conceitos e modelos

O desenvolvimento do turismo implica ligações complexas entre todos os intervenientes, ou seja, um sistema global que integra a procura e a oferta (Pearce, 1991). Souza (2009) afirma que o desenvolvimento do turismo não significa apenas abordar as alterações que poderão ocorrer em termos económicos, políticos, tecnológicos e sociais, mas deve ser visto como a soma de todos esses fatores e como um processo de transformação global.

Sharpley e Telfer (2002) defendem que a atividade turística constitui um contributo para o desenvolvimento dos destinos mostrando a interdependência entre o turismo e os ambientes socioculturais, políticos e económicos em que opera.

O turismo como atividade económica está sujeito a um processo de desenvolvimento. Tal como afirma Souza (2009) este processo influencia e é influenciado pelo desenvolvimento económico, sociocultural, político e ambiental dos destinos. Goeldner, McIntosh e Ritchie (2002), entendem que é fundamental que o desenvolvimento do turismo siga uma política planeada e construída a partir de ideias e princípios de bem-estar e felicidade, e não apenas por uma análise de aspetos positivos e negativos.

Segundo Inskeep (1991), as condições fundamentais num destino para que ocorra o seu desenvolvimento turístico estão categorizadas nas seguintes componentes:

- i. Atrações e atividades turísticas;
- ii. Unidades de alojamento turístico;
- iii. Equipamentos e serviços turísticos;
- iv. Transportes;
- v. Outras infra - estruturas;
- vi. Elementos institucionais.

A junção destes componentes representa os elementos imprescindíveis para um destino turístico e o planeamento e desenvolvimento de um destino deverá ser pensado tendo em conta os elementos já existentes. Essa gestão deverá acontecer de forma adequada para que se obtenha o sucesso na comunidade. Este processo não é uma tarefa fácil, pois depende de todos os *Stakeholders* interessados. O autor defende ainda que a participação dos *Stakeholders* é vital para o planeamento de qualquer destino (Butler, 2002 cit in Souza, 2009). A comunidade local é parte integrante do processo de desenvolvimento e não apenas a parte que irá beneficiar dos ganhos. Desta forma, o desenvolvimento sustentável deve ser feito de forma a manter a integridade cultural e a satisfazer as necessidades económicas, sociais e estéticas. Ao ser considerada parte integrante do plano de desenvolvimento, a comunidade local poderá diminuir a perceção sobre os impactos negativos do turismo (Souza, 2009).

Butler (1980) afirma que a reação da comunidade aos efeitos do turismo depende da etapa em que se encontra o ciclo de vida do destino turístico.

Desta forma, Souza (2009) garante que o controlo do ciclo de vida do produto turístico é fundamental para garantir o desenvolvimento turístico sustentável que respeite as populações locais, que gere benefícios adequados às necessidades da comunidade, que mantenha o bom ambiente natural e cultural e que proporcione uma experiência de qualidade aos visitantes. A capacidade de carga de um destino e a delimitação dos seus limites é também um fator que pode provocar impactos positivos ou negativos num destino, e por isso deverá ser ter em conta no momento da realização de um plano de desenvolvimento (Souza, 2009).

De acordo com Page et al., (2001:325 cit in Souza 2009) o conceito de capacidade de carga integra várias dimensões, tais como:

- Física: inclui o número de visitantes que pode ser recebido num determinado destino;
- Percetiva: inclui o número de visitantes que pode ser recebido num destino até a experiência do visitante ser afetada;
- Económica: inclui o número de visitantes que pode ser recebido num destino antes que a sua economia seja afetada negativamente;
- Ecológica: inclui o número de visitantes que pode ser recebido num destino antes que ocorram impactos negativos no ambiente.

Cooper et al., (2007) abordam a problemática da capacidade de carga dos destinos turísticos numa dimensão sociocultural, que corresponde ao número de visitantes e o nível de desenvolvimento turístico que a população e os visitantes toleram.

O desenvolvimento do turismo pode beneficiar a nível social e cultural a comunidade local, pois ajuda com incentivos económicos para a manutenção e revitalização de diversas atividades culturais. Quando o turismo não é desenvolvido de forma ordenada e planeada pode contribuir para a perda da autenticidade e do significado cultural dos objetos e eventos dessas comunidades (Souza, 2009).

O turismo é normalmente visto pelos governantes como uma estratégia de desenvolvimento, com potencial para diminuir desigualdades económicas e sociais através da geração de emprego e renda. O desenvolvimento de um determinado local de interesse turístico está sujeito aos tipos de estratégias que são implantadas e às características de cada local e por isso nem sempre o turismo é gerador de desenvolvimento local. De forma a impedir a saturação da atividade turística, deverão ser pensadas medidas para ajudar a medir o turismo e minimizar os impactos negativos causados por essa atividade. Contudo, é ainda difícil de definir onde a saturação turística começa a ser uma forma de degradar o meio ambiental, social e cultural. São necessários estudos minuciosos para o turismo ser planeado de forma a gerar benefícios e a permitir um desenvolvimento sustentável (Scótolo e Netto, 2015).

2.2.1. A Sustentabilidade

O conceito de sustentabilidade aparece associado ao estabelecimento de limites ao crescimento, no início dos anos 70 do século XX. As preocupações estavam centradas, essencialmente, em estabelecer limites ou mesmo travar os efeitos negativos do desenvolvimento (Monjardino, 2005).

Em 1987, a partir do Relatório Brundtland “*Our Common Future*” (O nosso futuro comum), elaborado a pedido da Assembleia Geral das Nações Unidas, define-se, pela primeira vez, o conceito de Desenvolvimento Sustentável. Neste documento define-se Desenvolvimento Sustentável como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. Monjardino (2005) defende que os critérios para alcançar esses níveis devem incluir medidas de mudança que sejam percebidas como socialmente aceitáveis e desejáveis, ambientalmente viáveis, economicamente realizáveis e utilizando tecnologias apropriadas.

Apesar do Turismo ocupar um lugar de grande destaque a nível mundial, este nunca foi um setor que merecesse uma grande reflexão por parte de quem estudava a sustentabilidade. Contudo, na Cimeira mundial sobre o desenvolvimento sustentável que se realizou em 2002, foi implementado um plano que resultou num maior reconhecimento para o desenvolvimento sustentável do turismo. Aqui, foi também possível perceber que o turismo é a única atividade que permitiria aos países subdesenvolvidos sair do limiar da pobreza. (Monjardino, 2005)

Segundo a OMT (2004), o Turismo Sustentável é um turismo que leva à gestão dos recursos, de modo que, as necessidades económicas, sociais e estéticas sejam preenchidas, mas seja mantida a integridade cultural e ambiental.

Monjardino (2005), afirma que existe uma maior sensibilização para a qualidade ambiental, por serem conhecidos os impactos negativos provocados pelo turismo de massas, a nível de degradação paisagística, ambiental, social e cultural. Os destinos procuram formas de desenvolvimento que permitam reduzir os impactos negativos sobre o meio ambiente e que permitam uma harmonia entre a necessidade dos turistas e dos residentes. Enquanto os “novos turistas” procuram espaços que não se encontrem modificados a nível ambiental. (Monjardino, 2005)

Swarbrooke (2002 cit in souza 2009), afirma que o turismo sustentável é o tipo de turismo que satisfaz as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, mas sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades.

A OMT (Organização Mundial do Turismo) desenvolveu um conjunto de instrumentos que possibilitam a incorporação dos critérios da sustentabilidade no planeamento, desenvolvimento e gestão do turismo.

Tradicionalmente, medir a importância do turismo baseava-se na dimensão económica e financeira. No entanto, as infraestruturas e serviços do turismo, bem como as atividades levadas a cabo pelos turistas, implicam impactos positivos e negativos, a nível ambiental e sociocultural.

Quando em Abril de 1995, a ONU realizou a 1ª Conferência sobre o turismo sustentável começam a surgir conceitos como a certificação ambiental, atuação responsável e gestão ambiental. O equilíbrio pretendido entre a atividade humana e o desenvolvimento e a proteção do ambiente exigem uma repartição de responsabilidades equitativas e claramente definidas em relação ao consumo e ao comportamento face aos recursos naturais. A palavra sustentabilidade pretende refletir uma política e estratégia de desenvolvimento económico e social contínuo, sem prejuízo do ambiente e dos recursos naturais. É importante repensar as políticas públicas de Turismo em função da própria dinâmica da atividade, da necessária reflexão e da reformulação das estratégias de desenvolvimento sustentável (Beni, 2003).

Para Butler (1998 cit in Candiottto 2009), o turismo está a ser vendido como uma atividade sustentável pois traz vantagens económicas, ou seja, dá lucros. O *marketing* sustentável agrada às pessoas, pois estas reivindicam o rótulo do sustentável e estão dispostas a pagar mais por algo que acreditam ser sustentável. Os atores responsáveis pelo desenvolvimento do turismo visavam apenas à obtenção de lucros por parte dos investidores e não se importavam com questões ambientais e sociais.

O turismo sustentável representa a gestão dos impactos do turismo como uma prioridade sobre o mercado económico e requer um controlo local dos recursos. As questões do turismo sustentável são formadas visando uma reestruturação económica global e são diferentes em economias em desenvolvimento e nas desenvolvidas (Hall e Lew, 1998 cit in Candiottto, 2009).

2.2.1.1. Metas de desenvolvimento sustentável da ONU

A ONU (Organização das Nações Unidas) em conjunto com os 193 Estados-membros criaram a campanha ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável). Esta campanha faz parte da Agenda 2030, definida em 2015, que aborda várias dimensões de desenvolvimento sustentável (económico, socioculturais e ambientais) e que promove a paz, a justiça e instituições eficazes. Os 17 ODS são a visão comum de todos os líderes mundiais e dos povos para o sucesso da Humanidade (ONU, 2020).

A Agenda 2030 cita os 17 ODS: erradicar a pobreza, erradicar a fome, saúde de qualidade, educação de qualidade, igualdade de género, água potável e saneamento, energias renováveis e sustentáveis, trabalho digno e crescimento económico, indústria, inovação e infraestruturas, redução das desigualdades, cidades e comunidades sustentáveis, produção e consumo sustentáveis, ação climática, proteger a vida marinha, proteger a vida terrestre, paz, justiça e instituições eficazes e parcerias para a implementação dos objetivos. Estes objetivos visam resolver as necessidades das pessoas, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento, não deixando nunca ninguém para trás. A definição dos ODS tem como principal objetivo a criação e fortalecimento de uma cultura de sustentabilidade e responsabilidade, combate às mudanças climáticas, conservação dos recursos naturais, adoção de práticas de produção e consumo mais sustentáveis e aprimoramento de processos, promovendo a ética no mundo. (GCNP, 2015).

No seguimento dos objetivos definidos, uma vez que o Turismo constitui até 10% do PIB e do emprego do mundo e, dada a grande relevância no panorama económico mundial, o seu contributo é essencial para que se cumpram os ODS. Desta forma, a UNWTO (2018) criou uma plataforma *online* “Tourism4SDGs.org” com o objetivo de promover um maior envolvimento do setor do turismo com o desenvolvimento sustentável. A plataforma foi construída tendo em conta 3 princípios fundamentais: Aprender, Compartilhar e Agir, e pretende ser um espaço de cocriação onde os utilizadores podem ter acesso a uma ampla gama de recursos, adicionar iniciativas, descobertas e projetos, motivar a discussão e colaboração e partilhar conteúdos relacionados com o turismo e o desenvolvimento sustentável.

2.3. Impactos do Desenvolvimento Turístico para as regiões

Cooper et al., (2007), afirmam que os impactos do turismo são constituídos por características positivas e negativas e afetam tanto os visitantes como os residentes. Para maximizar os benefícios e minimizar os malefícios, é crucial o planeamento e gestão dos destinos, tendo como base a boa gestão ambiental e o respeito pelo limite que o destino suporta.

O turismo é um instrumento valioso para promover as relações culturais e a cooperação entre os povos. No entanto, essa interação poderá trazer várias consequências para a vida dos residentes, como tensões culturais, sociais e morais. Estas tensões intensificam-se quando existem grandes diferenças entre anfitriões e visitantes (Archer e Cooper, 2002).

2.3.1. Impactos Económicos

A nível económico, a atividade turística tem um papel importante e maioritariamente positivo no desenvolvimento de muitas regiões de destino. Uma vez que contribui para criação de renda, de emprego e das receitas do estado. Os impactos podem ser divididos em diretos, indiretos e induzidos (Cooper et al., 2007).

Eusébio (2006) explica que os impactos diretos do turismo resultam das despesas feitas pelos visitantes no consumo de bens e serviços no destino visitado. Os impactos indiretos são os gastos suportados pelos estabelecimentos para desempenharem as suas funções, como por exemplo os hotéis, que recebem os gastos diretos dos turistas. Os impactos induzidos são provocados em consequência do aumento do nível do rendimento das famílias através dos impactos diretos e indiretos do turismo. Quando estes rendimentos voltam a entrar na economia, cria-se um novo ciclo na economia (Cooper et al., 2007).

Eusébio (2006) defende que devido à interdependência dos efeitos do turismo, a sua contabilização torna-se complexa por não existir uma relação linear simples entre a procura turística efetuada num determinado destino e os seus potenciais benefícios económicos.

Os impactos económicos positivos passam pela criação de emprego, desenvolvimento da economia local, aumento de investimentos, diversificação da atividade económica, aumento das receitas fiscais locais e nacionais, aumento dos rendimentos e da qualidade de vida. Por outro lado, estes fatores podem ser percecionados como negativos quando existe um aumento do custo de vida, inflação dos preços, desigualdade na distribuição dos benefícios, aumento das despesas públicas, aumento dos impostos para a comunidade e tendência para aumentar a dependência do turismo (Mathieson e Wall, 2006; Cooper et al., 2007; OMT, 2003, Archer e Cooper, 2002; Souza, 2009).

2.3.2. Impactos Socioculturais

Quanto aos impactos socioculturais, estes surgem do contacto que é estabelecido entre o visitante e a comunidade local. Podem ocorrer em maior ou menor escala, dependendo do tipo de turismo praticado; das características socioculturais dos turistas; do desenvolvimento das regiões e da atitude dos residentes face aos visitantes (Mathieson e Wall, 1990 cit in Souza, 2009).

No que diz respeito aos impactos socioculturais, os estudos salientam a importância dada pelas comunidades ao ressurgimento das tradições e à sua partilha cultural. A valorização turística das tradições supõe uma renovação da identidade e do orgulho que as comunidades têm da sua própria cultura, que influencia positivamente o aumento da qualidade de vida e da imagem da comunidade, bem como a sua perceção da atividade turística (Besculides, Lee, & McCormick, 2002).

Archer e Cooper (2002) admitem que quando a população local não consegue atingir o nível de vida ostentado pelos turistas, estes têm a tendência de se sentirem frustrados e incapazes, o que os leva a atribuir a culpa aos turistas. Neste contexto podem desenvolver-se sentimentos anti-turismo traduzidos em hostilidade e na agressão aos turistas. Neste caso, percebe-se que, por vezes, não é necessário o contato entre turista e residente para surgirem impactos socioculturais.

O desenvolvimento do turismo tem um efeito nas características socioculturais da população recetora, tais como os hábitos, as rotinas diárias, vidas sociais, crenças e valores. Estes fatores podem conduzir a tensões psicológicas (Dogan, 1989, cit. in Andereck et al., 2005)

Os impactos socioculturais positivos são a ampliação da perspetiva social, a melhoria da mobilidade, a preservação de laços familiares, o estímulo do folclore e criação de museus e a apreciação do património e da identidade étnica. Como impactos negativos o autor destaca a perda da identidade cultural na comunidade global, a deterioração de sítios históricos, o medo de terrorismo e crime e a simplificação da cultura (Smith, 1989, cit. in Dall' Agnol, 2012).

Dogan (1989, cit. in Andereck et al., 2005) refere consequências negativas como o declínio de tradições, materialismo, aumento da taxa de criminalidade, conflitos sociais e aglomeração. Quanto aos impactos positivos, o turismo pode levar ao aumento de serviços na comunidade, aumento de parques, recreação e instalações culturais, e encorajamento a atividades culturais (Brunt e Courtney, 1999, cit. in Andreck et al., 2005).

Também Cooper (2001, cit. in Agnol, 2012) considera que os impactos socioculturais podem ser positivos, nos casos em que o turismo preserva as habilidades artesanais da população e aumenta o intercâmbio cultural entre duas populações diferentes. Os impactos socioculturais podem ser negativos caso prejudiquem o intercâmbio cultural, ao apresentar uma visão distorcida de uma das populações.

Jurowski e Gursoy (2003) mostraram que as comunidades mais afastadas do turismo consideram que os impactos socioculturais são mais positivos.

2.3.3. Impactos Ambientais

A maioria dos estudos defende que os impactos ambientais do turismo são, na sua maioria, negativos. Contudo, começam também a surgir alguns estudos que pretendem evidenciar os impactos positivos.

Em termos ambientais, o turismo pode contribuir para a preservação e conservação de um determinado espaço físico. Por outro lado, quando os princípios de sustentabilidade não são respeitados, os impactos ambientais negativos são irreversíveis (Cooper et al., 2007).

Para Cooper et al., (2007) e Souza (2009), o turismo pode ter impactos ambientais que afetam diretamente a população local quando, por exemplo, o turismo afeta a qualidade da água, do ar e os níveis de poluição sonora. Estes impactos são provocados pela utilização de meios de transportes, pelas atividades de lazer e recreio e pelo facto de que a construção das unidades turísticas, muitas vezes, não respeita as características dos destinos.

Quando os responsáveis pelo desenvolvimento turístico se dedicam a importantes questões ambientais estimulam iniciativas para conservar e melhorar o ambiente. Daqui resulta a proteção da vida selvagem e das áreas protegidas. Contudo, existem também os impactos negativos em termos de aumento da poluição do ar e da água, a destruição da vida natural, vandalismo e crime, e o excesso de desperdício causado pelo turismo, trânsito e congestionamento pedestre (Andereck et al., 2005).

O turismo pode contribuir para a restauração, conservação e proteção dos espaços físicos, uma vez que parte das receitas geradas pela atividade turística podem ser utilizadas para a recuperação de edifícios e sítios históricos e a criação e manutenção de parques nacionais e outras áreas de preservação (OMT, 2003).

2.4. Modelos de desenvolvimento turístico para os destinos

O desenvolvimento do Turismo não se resume a uma harmonia entre a oferta de produtos turísticos e a procura turística; dado que o turismo envolve um conjunto de interações entre turistas e residentes, a aceitação da comunidade local deve ser um elemento a ter em conta (Andereck & Vogt, 2000).

O sucesso do desenvolvimento do turismo, no presente e no futuro, depende do tipo de resposta dos residentes aos impactos provocados pelo turismo, e deve ser um fator a considerar em termos de planeamento. Por isso, Simmons e Fairweather (1998), defendem que o estudo das necessidades e expectativas dos residentes deve ser um ponto de partida em qualquer Plano de Turismo. Apesar de, desde sempre serem recolhidas as perspetivas dos turistas, a perspetiva dos residentes não é tão comum nos estudos, tornando-se numa lacuna da informação estatística, a nível turístico.

Segundo Vogt (2004), existem três modelos que podem ser um suporte para o estudo das perceções dos residentes sobre Turismo: O modelo de Butler (1980), mais conhecido como um modelo que se baseia no ciclo de vida dos destinos turísticos. Neste modelo, o autor defende que, o ciclo de vida dos destinos varia conforme a entrada de mais turistas e em função das atitudes dos residentes.

O modelo de Smith (1989), sugere que os residentes reagem, ao tipo e à quantidade de turistas. Neste modelo são definidos sete tipos de turistas que vão desde o *explorer*, que representa o turista que viaja por si só e o *charter* que representa o turismo organizado em grandes grupos. O autor sugere que estes segmentos exercem um impacto diferente nas comunidades residentes. O tipo de turista *explorer* aceita as condições locais e tenta adaptar-se e relacionar-se com os residentes. Este turista provoca pouco impacto nas comunidades locais e tende a ser aceite de forma positiva pelos residentes no destino.

Em contrapartida, o turismo do tipo *charter*, chega com expectativas que podem não corresponder ao que lhe é oferecido e exige condições que se adaptem às suas necessidades, não fazendo um esforço para se adaptar ao que existe. Assim, o impacto provocado por este segmento de turismo é maior e tende a ser mal recebido pelos residentes.

Por último, o modelo de Ap e Crompton (1993), estabelece quatro níveis de reação dos residentes face ao turismo: o primeiro nível é o acolhimento, que é descrito como um estado eufórico em que os residentes têm atitudes muito positivas face aos turistas e impactos; o segundo é a tolerância, em que os residentes têm atitudes positivas em relação a alguns impactos e negativas em relação a outros; segue-se a adaptação, em que os residentes aprendem a lidar com os turistas e arranjam maneira de continuar com a sua vida normal, no meio dos turistas que invadem o seu espaço e, finalmente, a saída estratégica, ou seja, a saída dos residentes quando os turistas chegam.

Assim, de um modo geral, é possível afirmar que a perceção dos residentes sobre o turismo, está dependente do tipo de turista que o destino acolhe, do ciclo de vida em que se encontra o destino, o tempo que o residente está em contato com o turista e quanto esse contato obriga os residentes a alterarem o seu quotidiano.

Para alcançar o desenvolvimento local é preciso compreender a situação atual da localidade e traçar os objetivos de desenvolvimento, determinando quais melhorias devem ser feitas, o que deve ser aprimorado e que estado de desenvolvimento se pretende alcançar.

Segundo Dall'Agnol (2012) procura-se em primeira instância, diminuir a pobreza e/ou aumentar a riqueza económica de certos locais. Contudo, as estratégias que buscam apenas aumentar a entrada de recursos financeiros podem não contribuir para a melhoria da localidade, podem não melhorar a qualidade de vida dos residentes e podem até causar impactos negativos na localidade (Dall'Agnol, 2012)

É, assim, fundamental considerar a perceção dos autóctones em relação às condições atuais da localidade, bem como os seus desejos para o futuro, ou seja, quais melhorias querem, o que querem alcançar, como podem contribuir e que mudanças estão dispostos a fazer para alcançar o desenvolvimento esperado (Scotollo e Netto, 2015). O autor acrescenta ainda que, o desenvolvimento local que parte dos interesses internos da comunidade que é planeado e executado pelos seus membros, contribui para o sentimento de pertença dos indivíduos e fortalece os laços comunitários. Os recursos naturais e culturais locais devem ser preservados a fim de tornar o desenvolvimento local sustentável e, desta forma, oferecer qualidade de vida à população local (Scotolo e Netto, 2015).

As comunidades veem o turismo como uma forma de melhoria de vida e desenvolvimento local, mas tal só é possível se os responsáveis pela gestão do destino tiverem em consideração as preferências dos residentes.

Como afirma Scotolo e Netto (2015) o desenvolvimento sustentável vai ser possível se a população local tiver um controlo das decisões sobre o turismo no local e sobre o desenvolvimento de suas atividades, e ainda se obtém os benefícios que daqui resultam e puderem usufruir dos impactos positivos.

Desta forma, melhorar a qualidade de vida das pessoas que residem no destino, deverá ser a prioridade para os gestores que pretendem atingir o desenvolvimento local através do turismo. Aliado a este fator, deverá ainda ser tido em conta as características locais, a capacidade de carga do destino, o contexto económico, social e cultural e ainda os objetivos da população local, de forma a minimizar os impactos negativos que resultam da atividade turística.

2.5. Perceção dos residentes face ao desenvolvimento turístico

Dall' Agnol (2012) defende que conhecer a opinião dos residentes é fundamental para o bom desenvolvimento do Turismo. Este tem um papel importante no setor económico, cultural e social. Por este motivo é fundamental conhecer as perceções e atitudes dos residentes acerca do Turismo e dos impactos gerados por esta atividade nos destinos.

Como já vimos anteriormente, os impactos do Turismo podem ser positivos ou negativos, sendo considerados como positivos os que trazem benefícios para a comunidade recetora e negativos os que causam estragos para a localidade e para a sua população. Os impactos negativos muitas vezes superam os positivos. Com o crescimento do Turismo aumenta também os impactos por ele gerados. Estes podem ser reversíveis se detetados no início, ou irreversíveis quando já não é possível a sua reversão, uma vez que foram detetados demasiado tarde.

Segundo a OMT (2003) para a população visitada o turismo pode ser considerado uma bênção pela geração de novos postos de trabalho e crescimento constante do fluxo de dinheiro, porém os próprios turistas podem-se tornar numa carga física e social.

A satisfação da comunidade vai refletir na hospitalidade e na experiência do turista. A forma como os visitantes se portam e relacionam com os cidadãos da comunidade anfitriã.

De forma geral os residentes percebem o turismo como algo positivo e apoiam as diferentes medidas de desenvolvimento, sem o apoio destes torna-se mais difícil desenvolver o turismo de forma sustentável.

Ao estudar os aspetos positivos e negativos será possível encontrar um equilíbrio entre eles e assim uma maior probabilidade de obter a satisfação dos residentes (Andereck, K. & Vogt, C., 2000).

De forma a estudar a perceção dos residentes pode-se dividir os impactos em 3 vertentes: impactos económicos, socioculturais e ambientais (Andereck, K. L., Valentine, K.M, Knopf, R.C. & Vogt, C.A., 2005).

Os benefícios económicos são o fator de maior importância para a comunidade local e resulta numa maior hospitalidade e receptividade aos turistas e atividade turística (Diedrich & García-Buades, 2009).

Num estudo realizado na cidade do Porto, em 2020, para avaliar a perceção dos residentes acerca do constante crescimento do turismo e do número de turistas, principalmente na zona do centro histórico do Porto, os inquiridos consideraram que o turismo está a crescer em harmonia com a cidade e que a atividade turística tem uma influência direta nas melhorias do centro histórico (Andres Marques et al., 2020).

Num estudo de 2011, realizado no Arizona, para analisar a perceção das comunidades locais sobre os impactos do turismo na qualidade de vida, foram considerados aspetos como o bem-estar, estilo de vida, orgulho e consciência comunitária, preservação natural e cultural, importância económica, animação e abuso de substâncias e crime. Os resultados do estudo mostram que há um impacto positivo do turismo na qualidade de vida das comunidades quando a comunidade local tem contacto frequente com os visitantes e quando percebem que o desenvolvimento do turismo fortalece a economia e facilita acesso a serviços e atrações (Andereck & Nyaupane's, 2011).

Carneiro e Eusébio (2015) concluem que, mesmo quando a interação entre residentes e turistas é baixa e superficial, há perceções positivas dos impactos do turismo nas diferentes áreas da sua qualidade de vida.

A literatura tem demonstrado, acima de tudo, que os residentes concordam em estabelecer contato com turistas porque estes lhes trazem mais benefícios do que custos. As comunidades que obtêm benefícios diretos do turismo e que estão mais perto das atrações turísticas têm uma perceção mais positiva dos impactos deste sector (Andereck et al., 2005; Andriotis & Vaughan, 2003).

Davis, Allen e Cosenza (1988) dividiram os residentes em 4 grupos:

Grupo 1: inclui pessoas que têm uma relação direta com os turistas devido à profissão que desenvolvem;

Grupo 2: são residentes e empresários que não têm contacto regular com turistas;

Grupo 3: são residentes que têm contacto direto e frequente com turistas, mas cujos rendimentos apenas beneficiam parte dos turistas. Os membros deste grupo podem sentir as vantagens, mas também têm uma visão crítica das desvantagens;

Grupo 4: inclui lugares que não têm contacto direto com turistas. Este grupo tem uma variedade de atitudes, que vão da aprovação à rejeição, interesse ou indiferença, sendo a indiferença a atitude a mais comum.

Neste estudo foi notória uma correlação entre o tempo em que os residentes vivem no local e a sua visão mais pessimista sobre o turismo e ainda que quanto maior a distância dos residentes dos grandes centros turísticos, maior apatia pelos impactos provocados.

Andrés Marques et al. (2020) concluíram que os residentes, profissionais e estudantes da cidade do Porto tem uma perceção positiva do turismo na cidade. Neste estudo, os impactos socioculturais são os que tem um valor mais significativo.

Verificou-se também que o local de residência tem influência sobre os residentes a nível dos impactos económicos e ambientais, mas são sentidos em menor escala os impactos socioculturais. Quanto ao local de trabalho/estudo, influencia a perceção dos impactos económicos, impactos socioculturais e ambientais. De uma forma geral, os residentes percecionam os impactos de uma forma positiva, sendo esta mais notória quanto maior a distância da sua residência e local de trabalho dos locais com mais turistas. Os inquiridos deste estudo, afirmaram ainda que o Porto está a crescer em harmonia com a atividade turística, e que este crescimento estava a ter uma influência positiva para a melhoria da cidade (Andrés Marques et al., 2020).

É possível concluir que, as perceções sobre os impactos da atividade turística são formados tendo em conta aspetos extrínsecos (momento de desenvolvimento do destino turístico, tipo de turistas no destino e sazonalidade do destino) e aspetos intrínsecos (proximidade geográfica ou contacto com o turista, características sociodemográficas, benefícios diretos da atividade turística, grau de dependência, grau e tipo de participação do residente em atividades de lazer e antiguidade dos residentes no lugar (Fredline & Faulkner, 2000).

A teoria sugere ainda que, se os residentes percebem que os impactos positivos do desenvolvimento da atividade turística são maiores do que os impactos negativos, podem estar mais envolvidos no processo de intercâmbio e apoiar o desenvolvimento turístico na sua comunidade.

2.6. Atitude dos residentes face ao desenvolvimento turístico

Segundo Andriotis e Vaughan (2003) quando os residentes observam que os benefícios do turismo são baixos tendem a ter uma atitude negativa face ao turismo, o que contribui negativamente para o desenvolvimento desta atividade. Contudo, verifica-se uma atitude contrária quando os residentes percecionam os impactos positivos, ou seja, estes tornam-se um fator positivo para o desenvolvimento turístico.

De acordo com Fridgen (1991 cit in souza 2009) as atitudes estão estruturadas através de três dimensões: a componente afetiva, a componente cognitiva e a componente comportamental.

A componente afetiva refere-se a uma reação emocional dos indivíduos em relação a um objeto ou a um evento. As emoções podem ser fortes ou fracas, positivas ou negativas. A componente cognitiva consiste num conjunto de crenças e conhecimentos que um indivíduo tem sobre um determinado objeto ou a forma como o objeto é percebido. Por fim, a componente comportamental reflete as medidas tomadas ou as intenções expressas de agir (Mcdougall e Munro, 1994 cit in souza 2009).

De acordo com Andriotis e Vaughan (2003), a componente cognitiva está relacionada com a forma como os residentes irão percecionar os impactos do turismo sobre o ambiente em que ele está inserido, como impactos na paisagem, no património construído e nas pessoas.

Para Cohen (1972 cit in Souza 2009) os viajantes independentes e os exploradores são mais suscetíveis de desenvolverem uma experiência direta com a cultura e estilos de vida da comunidade anfitriã do que os turistas de massa, e esses também proporcionam menos impactos negativos do que os viajantes em massa.

O modelo de Doxey (1976 cit in Souza 2009) explica as interações entre o anfitrião e o visitante através do índice de irritação, onde sugere que as atitudes dos residentes locais face ao turismo variam conforme o nível de desenvolvimento em que o destino se encontra.

A fase inicial é a da euforia, nesta primeira fase as pessoas estão entusiasmadas com o desenvolvimento do turismo e os visitantes são bem recebidos. Há um sentimento de satisfação e de oportunidade pela perspectiva de ganhos e de desenvolvimento.

A segunda fase é da apatia, quando a atividade turística começa a crescer e se consolida, o turista passa a ser considerado como algo natural e visto apenas como uma fonte de lucros. Qualquer que seja o contacto estabelecido entre o residente e o visitante acontece numa base comercial e formal.

Na terceira fase está bastante presente a irritação. A atividade turística começa a atingir o ponto de saturação e o desenvolvimento só pode continuar com a construção de mais infraestruturas. É nesta fase que os residentes começam a demonstrar irritação com a indústria turística e as políticas elegem mais infra - estruturas ao invés de limitar o crescimento.

A quarta fase caracteriza-se pelo antagonismo. Nesta fase a irritação torna-se mais evidente e o turista é visto agora como a causa dos problemas da localidade, como aumento de impostos, da criminalidade, e da degradação do ambiente natural.

A quinta e última fase ocorre quando a comunidade local está consciente de que no entusiasmo de obter vantagens da atividade turística, não foram consideradas as mudanças que estavam a acontecer. Nesta fase já há um grande impacto social e os turistas mudarão para destinos diferentes. O destino passará a atrair um tipo de turista diferente do que recebeu com euforia no passado.

Ritchie e Inkari (2006) defendem que as pessoas de diferentes grupos podem percecionar o desenvolvimento do turismo significativamente de formas diferentes com base nas suas características económicas, sociais, culturais e ambientais.

Souza (2009) afirma que o turismo deve respeitar e valorizar o conhecimento e as experiências locais, procurando maximizar os benefícios para as comunidades locais.

2.7. Envolvimento da população na gestão e desenvolvimento dos destinos

Ap (1992) defende que para haver um desenvolvimento positivo do destino é crucial a minimização dos impactos negativos, para que a atividade se torne mais favorável para a população local. Se os responsáveis por esse desenvolvimento do turismo forem insensíveis aos impactos negativos, estes ficarão mais evidenciados e a população irá reagir (Faulkner e Tideswell, 1997).

É fundamental que os responsáveis do destino e a comunidade empresarial compreendam a importância da colaboração que os residentes podem dar para o desenvolvimento do turismo (Shakeela e Weaver, 2012). Assim, é essencial a interligação e entreaajuda entre estes.

Ap (1992) afirma ainda que, para o desenvolvimento e atração de turismo é necessária a intervenção de uma comunidade motivada pelo desejo de melhorar as condições económicas e sociais da sua localidade, sendo que estes são atores importantes para influenciar a indústria do turismo local, tanto para o sucesso como para o fracasso.

Segundo Ritchie e Inkari (2006) e Renda et al. (2014), de forma geral, os residentes acreditam que o turismo é bom para a economia local e para a comunidade. Na sua maioria, veem o turismo como um aspeto positivo, principalmente os indivíduos que trabalham no setor do turismo e do comércio, embora reconheçam a existência de impactos negativos.

As perceções dos residentes quanto aos impactos do turismo variam, dependendo do nível de desenvolvimento turístico das suas comunidades. A perceção vai também influenciar a atitude dos residentes. (Bestard e Nada, 2007; Upchurch e Teivane, 2000).

Para os turistas, é fundamental serem bem tratados pelos residentes, e por isso uma má atitude pode ser um atraso para o desenvolvimento do turismo (Diedrich e Garcia, 2009).

Para Wang e Xu (2015) as perceções dos residentes sobre os impactos são uma forma de medir a relação entre as atitudes ligadas ao turismo e a identidade do local dos moradores. Segundo os autores, a identidade do local tem um papel fundamental, uma vez que influencia as atitudes dos residentes em relação aos impactos positivos e negativos do turismo. Almeida-García et al. (2016) defendem que quando os residentes têm níveis superiores de educação, a sua perceção aos impactos do turismo será mais positiva, bem como a sua atitude perante esta realidade.

Uma das formas de medir os impactos do turismo é analisar a perceção dos residentes. Esta análise já se tornou numa componente essencial para o desenvolvimento de um plano de gestão para os destinos turísticos, independentemente do ciclo de vida em que o destino se encontre.

Como afirmam diversos autores, os residentes são os primeiros a perceberem os impactos negativos do turismo, e por isso já se tornaram numa peça fundamental, juntamente com todos os *stakeholders*, para promover uma gestão sustentável do destino.

Analisar as perceções de todos os envolvidos irá permitir aos responsáveis pela gestão do destino, implementar medidas que maximizem os benefícios e minimizem os prejuízos e ainda permitir criar ou reforçar uma imagem desejável da região de destino.

Swarbrooke (2000 cit in souza 2009), defende que o envolvimento da comunidade no planeamento e desenvolvimento do turismo nas regiões de destino deve ser prevista, visando aumentar a tolerância da comunidade em relação à atividade turística e ao comportamento do visitante.

O planeamento da atividade turística que envolve as necessidades da comunidade local é um fator chave para o desenvolvimento sustentável do turismo (Fredline e Faulkner, 2000 cit in Souza 2009).

As percepções dos residentes face aos impactes do turismo são resultado dos seus julgamentos e, das suas opiniões e expectativas face ao desenvolvimento do turismo. Contudo existe uma relação entre o crescimento do turismo nos destinos e uma maior consciencialização dos impactos do turismo por parte dos residentes (Pearce e Moscardo, 2002 cit in souza 2009).

Os residentes que percecionam os benefícios do turismo normalmente avaliam de forma positiva a atividade turística enquanto os que não percebem os benefícios tendem a avaliar negativamente (Andereck et al., 2005; Ritchie e Inkari, 2006).

Segundo Fredline e Faulkner (2000 cit in Souza 2009), quanto mais experiências diretas as pessoas tiverem com a atividade turística, mais informações elas terão para basearem as suas percepções. Bem como os meios de comunicação, estes têm um papel crucial na formação das percepções, ou seja, o próprio conteúdo das notícias pode alterar ou fortalecer a percepção.

Ap (1992), afirma que os membros da comunidade que estão envolvidos em ramos empresariais ou que exercem alguma atividade relacionada com o turismo são geralmente mais tendenciosos a terem percepções positivas dos impactos do turismo. Para Carneiro e Eusébio (2007) um maior contacto entre turista e residente resulta numa maior percepção dos residentes dos impactes do turismo. Por outro lado, Reisinger e Tuner (2003) defendem que esta interação é mais suscetível de sucesso quando os visitantes e os residentes são de origens semelhantes.

As comunidades recetoras, por vezes, entendem o Turismo com desconfiança, porque em geral não têm a oportunidade de participar nas tomadas de decisões (Dall' Agnol, 2012). Como mencionado anteriormente, a integração da população local em processos de tomada de decisão para a gestão do destino, é fundamental para garantir que residentes e restantes *stakeholders* sejam mais tolerantes aos impactos, e por isso mais satisfeitos com o desenvolvimento da atividade turística.

Capítulo III – Turismo no Porto na era de Covid-19

3.1. Turismo no destino Porto

A região Norte e, mais concretamente a cidade do Porto, tem contribuído para colocar Portugal na rota do turismo mundial. O destino Porto tem sido, por diversas vezes, considerado o melhor destino turístico da Europa, o que tem permitido alavancar a economia local e colocar o destino Porto nas tendências atuais.

A cidade do Porto situa-se no Norte de Portugal, na margem direita do rio Douro, banhado a oeste pelo Oceano Atlântico e compreende uma área de 41,4Km².

O município do Porto compreende a União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, Bonfim, Campanhã, a União de Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, a União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, Paranhos e Ramalde. Segundo o site INE, em 2021, a cidade do Porto é constituída por 231 962 habitantes, número que tem tido uma evolução negativa.

A cidade passa a ser reconhecida internacionalmente quando, em 1996, o Centro Histórico é classificado pela UNESCO como Património da Humanidade, e mais tarde, em 2001 como Cidade Europeia da Cultura. Estes dois momentos fazem com que o Turismo aumente na cidade, e por sua vez a preocupação com a imagem da cidade também.

A comunicação do destino Porto é realizada por instituições públicas e privadas que aliam esforços num só objetivo: tornar o destino apelativo para o turismo, atrair mais turistas para a região, conquistar maiores taxas de ocupação e estadas mais longas. Para que isso aconteça, foi criada a marca Porto. pela Câmara Municipal do Porto, adotando esta, assim, uma técnica de *destination branding*. A marca, quando orientada para o turismo, pretende criar uma imagem diferenciadora que enfatize as suas singularidades e ofertas, para que seja possível diferenciar-se dos seus concorrentes e permitir uma experiência única e inesquecível (Pinto e Fernandes, 2020).

Segundo o INE, em 2019 na região do Porto e Norte de Portugal foram contabilizadas mais de 8 milhões de dormidas, um crescimento muito elevado comparado com os números do início do século.

Em Julho de 2020, o Norte concentrava 24,3% do total de estabelecimentos hoteleiros. Relativamente às dormidas na hotelaria apresentaram reduções expressivas em todas as regiões, diminuições superiores a 50%. Um dos principais destinos foi o Norte com 15,7% das dormidas totais (INE, 2021).

Ao vivermos este momento tão peculiar e por nos encontrarmos num momento de transição após o aparecimento da pandemia, o Turismo do Porto e Norte de Portugal, em conjunto com a Associação de Turismo do Porto e Norte, criaram o plano de atividades e orçamento 2021/2025, designado “Reerguer o Turismo da Região – Juntos Somos Mais Norte”. Este plano tem como uma base uma estratégia de intervenção focada em três pilares: Porto e Norte + qualificado; Porto e Norte + atrativo; e Porto e Norte com + energia, e está focado numa nova cultura de cooperação e trabalho em rede. Os objetivos deste plano são:

- Qualificar a oferta turística de modo integrado, coletivo e coeso;
- Aumentar a notoriedade do destino através da promoção nos mercados nacional e internacional;

- Reforçar a resiliência do destino Porto e Norte através da criatividade, qualidade e sustentabilidade;
- Adotar modelos de relacionamento institucional e de governação mais elaborados, eficazes e eficientes.

3.2. Turismo em contexto Covid-19

O aparecimento da covid-19 deixou Portugal numa situação frágil, principalmente ao nível da economia. Os resultados divulgados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), em abril de 2021, revelam uma contração do Produto Interno Bruto (PIB) em 2020 (-3,3%, após +2,8% em 2019). Esta redução observou-se quer no conjunto das economias mais desenvolvidas (-4,7%, -3,1 p.p.) quer nas economias emergentes e em desenvolvimento (-2,2%, -5,8 p.p.). No conjunto de países da União Europeia (UE 27), o PIB também decresceu face ao ano anterior (-6,1%, -7,8 p.p.)

Desde o início da pandemia, em março de 2020, em todos os meses registaram-se diminuições expressivas do número de dormidas na generalidade dos meios de alojamento turístico (INE, 2021).

Ainda segundo o INE (2021), *“o mercado interno assegurou 16,9 milhões de dormidas, correspondendo a 55,7% do total, e registou um decréscimo de 35,4% em 2020 (+5,9% em 2019). As dormidas dos mercados externos apresentaram uma contração superior (-74,1%, após +3,5% no ano precedente) e atingiram 13,4 milhões de dormidas (44,3% do total). Em 2020, a estada média (2,60 noites) reduziu-se 1,6% (+5,8% no caso dos residentes e +6,5% no de não residentes). A principal motivação para viajar continuou a ser “lazer, recreio ou férias”, justificando 7,8 milhões de viagens (54,1% do total, +4,6 p.p. face a 2019), seguida da “visita a familiares ou amigos”, com 4,9 milhões de viagens (33,8% do total, diminuindo o seu peso em 4,0 p.p.).*

As viagens por motivos “profissionais ou de negócios” (1,0 milhões) representaram 7,1% do total, perdendo representatividade em 1,2 pontos percentuais face a 2019.”

Com os desafios impostos pela pandemia, é necessário entender quais as novas tendências para o setor do turismo. Assim, Alpestana (2021) considera como prioridade que se torne o destino seguro na proteção e segurança contra infeções como a Covid-19, através da implementação e monitorização das medidas decretadas pelas autoridades competentes que constituem o destino. Neste contexto, é importante que se disponibilizem informações e avisos em vários idiomas.

Alpestanda (2021) refere ainda a importância de desenvolver medidas ao nível da gestão de fluxos turísticos, como a dispersão dos turistas pelos locais mais variados dos destinos, para atrações como o cinema, teatro, dança e música, criando itinerários temáticos nas periferias. Para que tal seja possível, é fundamental que o destino seja dotado de uma boa rede de transportes, a nível de ciclovias, acessos pedonais e transportes públicos.

Ao nível de atividades económicas, o aumento de edifícios vazios devido à diminuição da ocupação no alojamento local, está a fazer com que surjam medidas de apoio para a reabilitação destes edifícios, por parte dos municípios, que assumem a recolocação destes ativos no mercado a custos controlados. O alojamento local, continua a apresentar vantagens na fase de pandemia em que nos encontramos, uma vez que implica menos contactos sociais. Quanto ao comércio e serviços a tendência é a criação de novos projetos para uma oferta mais diversificada e sobretudo vocacionada para a procura local e para os consumos digitais (Alpestanda, 2021).

Baptista (2020) refere que uma das tendências para a fase pós-covid-19 é o turismo criativo, caracterizado por um turismo mais lento e que permite que o turista se envolva com a comunidade local, onde vai aprender e interagir com a mesma. Um outro fator chave neste tipo de turismo, é permitir estadias mais longas e permitir a participação ativa dos residentes. Os residentes são uma mais valia para a salvaguarda das artes e ofícios e dinamização das indústrias criativas.

Nos equipamentos culturais a tendência é uma maior utilização de recursos digitais, a disponibilização de conteúdos *online* e uso de aplicações de realidade virtual para a promoção do destino (Pires, 2020).

Barros (2021) afirma que no caso do turismo doméstico, tem havido uma maior resistência à pandemia, verificando-se uma procura acrescida por ambientes naturais, onde predomina o turismo em espaço rural e de habitação. Essa tendência, poderá ter efeitos positivos nos ambientes naturais e culturais, contribuindo para a ativação da atividade económica, social e cultural de regiões portuguesas interiores com população envelhecida e muito despovoada.

As entidades públicas responsáveis pelo turismo, têm dado contributos importantes para evitar os contactos sociais e os contágios, mas que, em muitos casos, têm um carácter mais amplo, como a qualificação dos locais turísticos, o incremento de regras úteis para a ocupação dos espaços de uso coletivo, para evitar a sobrecarga desses locais. A atividade turística deve tornar-se mais criativa, responsável e sustentável.

O plano de ação do Turismo de Portugal (2021) e tendo as pessoas como centro da estratégia, tem definidos 4 eixos de atuação: apoiar empresas, fomentar segurança, gerar negócio e construir futuro. Este plano de ação pretende apoiar a nível financeiro as empresas, fomentar a segurança nas empresas e nos turistas, conhecendo as necessidades dos turistas e adaptando as empresas para estas necessidades. A curto ou médio prazo pretende estimular mercados, facilitar a compra e informar os consumidores para assim gerar negócio. Por último, através de projetos que permitam acelerar a construção do turismo, para o tornar mais inteligente, responsável e sustentável.

3.3. Efeito da pandemia nos destinos e no comportamento dos visitantes

Nos últimos 100 anos, surgiram 12 pandemias e/ou doenças e 7 delas ainda existem, como o caso de AIDS, Cólera, MERS-CoV, Ebola, Zika, Dengue e Covid-19. As cidades devem encarar estes acontecimentos como uma forma de reavaliar as políticas dos diferentes fatores e implementar medidas de acordo com a lição aprendida.

Os impactos da pandemia nas cidades e a forma como estas reagem pode auxiliar os urbanistas e decisores políticos acerca das medidas a serem tomadas para que se desenvolvam cidades mais resilientes a pandemias.

Netto et al. (2020) destaca os seguintes impactos: 1) qualidade ambiental, (2) impactos sócio-económicos, (3) gestão e administração, e (4) planeamento urbano.

Quanto à qualidade ambiental, a redução da poluição atmosférica pode contribuir para controlar a propagação da pandemia e aumentar a capacidade de reação dos indivíduos infetados. Relativamente aos impactos sócio-económicos, e apesar de a maioria dos estudos referirem impactos negativos, começam a surgir relatos de casos de sucesso de inovação social em que foram desenvolvidas atividades para lidar com as desigualdades sociais e discutidos assuntos como o direito à habitação. Para uma gestão mais eficiente, a visão a longo prazo e a implementação de planos apropriados são fundamentais para tornar as cidades mais resilientes a implicações que possam surgir. As cidades devem assim aprender com as experiências do passado para minimizar impactos no futuro.

A pandemia aumentou o interesse no desenvolvimento de cidades inteligentes (*Smart Cities*) ao demonstrar os múltiplos benefícios das soluções inteligentes em termos de identificação de indivíduos infetados, minimizando o contacto humano e permitindo a aplicação e rastreio das regras de distanciamento social e quarentena. Quanto ao planeamento urbano, não se verifica que a densidade populacional esteja relacionada com um maior número de casos Covid-19.

3.4. Turismo e Covid-19: do *overtourism* à estagnação

O *overtourism*, que era o tema central e de maior preocupação no setor do turismo, deixou drasticamente de o ser, para passar a ser a redução ou quase estagnação das viagens a nível mundial. Nesta perspetiva, este momento poderá ser uma oportunidade para repensar futuros possíveis, preferíveis e mais sustentáveis (Donadio, 2020).

Gössling & Peeters (2015) defendem que a forma como o turismo se estava a desenvolver e a pressão que estava a causar nos destinos era manifestamente excessivo.

O turismo implica mobilidade e interação, e por isso é também uma das causas da pandemia. Todos os envolventes do turismo permitiram a amplificação da Covid-19 à escala mundial. Desta forma, foi necessário criar políticas de imobilidade numa tentativa de abrandar o aumento da pandemia. Segundo a WTTC (2020) estima-se que possam estar em risco mais de 100 milhões de postos de trabalho em todo o mundo. Os destinos que dependiam mais das receitas provenientes do turismo, enfrentam agora uma crise que nenhum modelo de gestão antecipava. O desemprego irá aumentar e os destinos que já não planeavam o seu território sem pensar no turismo, têm agora que delinear formas de sobrevivência. Esta dependência mostra a fragilidade do setor. Se por um lado a economia local se desenvolve a partir do turismo, fica também dependente do fluxo de turistas, que em momentos de crise desaparecem. A paralisação do fluxo de turistas no mapa mundial estima uma perda entre 300-450 bilhões de euros.

Os excessos do turismo que se visualizava no passado são agora ofuscados por um cenário de incerteza, devido à desaceleração no setor nas viagens e coloca pequenos e grandes empreendimentos em risco. Assim, é crucial alinhar estratégias de planeamento direcionadas para a reinvenção e reordenamento do turismo, alinhadas com as políticas públicas, ações éticas e sustentabilidade (Netto et al. 2020).

3.5. Repensar o Turismo na era Covid-19

O momento singular que estamos a viver atualmente veio permitir reformular políticas de cidade inteligente em direção a futuros desejáveis e sustentáveis e testar tecnologias de cidades inteligentes. Temos, por exemplo, o caso de Lisboa que disponibiliza uma aplicação onde as pessoas podem ver informações sobre a cidade e uma aplicação onde os cidadãos podem reportar ocorrências que precisem de intervenção urbana da Câmara Municipal (Carvalho & Vale, 2018).

Barcelona tem um canal onde podem fazer reclamações de forma anónima. A cidade passou a ser orientada a nível político de uma forma mais participativa e cidadã em que a tecnologia é orientada para servir os residentes e produzida como um bem comum. Latour (2020), defende que se projete alternativas ao período pós-crise COVID-19, de forma que o retomar da economia não fortaleça o regime anterior, o “antigo normal”. Devem então ser desenvolvidas cidades mais inclusivas e sustentáveis.

Brito-Henriques (2020) defende que é insustentável seguir um modelo que apenas priorize o crescimento do turismo, mas sim ser pensado no interesse e benefícios das comunidades, qualidade do emprego e reconciliação ecológica. Desta forma, esta é também uma oportunidade para repensar o turismo, ou seja, apostar numa forma de turismo mais leve (menos turistas) e mais lento (deslocações mais demoradas e permanências mais longas) e um turismo mais próximo (turismo doméstico de curta distância) e menos dependente do transporte aéreo.

A possibilidade desta forma de turismo se tornar uma tendência irá depender da força dos seus intervenientes para se desligarem do passado e concentrarem-se agora a percorrer um caminho de maior sustentabilidade, mesmo que este seja uma fonte maior de custos para o setor (Brito-Henriques, 2020).

Por ser um setor tão vulnerável, os planos de gestão não devem ficar apenas dependentes das previsões que são lançadas e confiáveis, mas que a qualquer momento são facilmente descartadas. Num momento de crise, com a paralisação de voos, fecho de fronteiras, isolamentos e quarentenas, percebemos a importância do turismo e o nível de dependência para a população local. O turismo foi o primeiro a parar e será o último a voltar à “normalidade” (Netto, A.P et al., 2020).

Ortega et al. 2020 analisaram as medidas aplicadas contra a pandemia Covid-19 nos seguintes destinos: Bélgica (Flandres, Valónia, Bruxelas), França (Île de France e Occitânia), Itália (Ligúria, Sardenha e Toscana), Países Baixos (Limburgo), Espanha (Catalunha, Andaluzia, Ilhas Baleares, Ilhas Canárias e Valência), Croácia (Ístria), Irlanda (Donegal), Dinamarca (Costa Oeste) e Escócia.

Estes 18 destinos (urbanos, turismo cultural e turismo de sol e praia) distribuídos por toda a Europa recebem milhões de turistas todos os anos. As medidas tomadas foram agrupadas nas seguintes categorias: informação e monitorização, gestão, benefícios fiscais, liquidez, proteção dos trabalhadores, assistência técnica, análise de dados, promoção, plano de recuperação e turistas.

A informação e monitorização refere-se às medidas que os destinos colocaram em prática para informar sobre leis, regulamentos e protocolos que se adotaram durante a covid-19, como por exemplo a criação de *Websites* e linhas telefónicas gratuitas para informar os turistas.

Quanto à gestão, aborda a colaboração entre administrações públicas e a criação de equipas de gestão de crises, no caso de Toscana, foi criada uma equipa de gestão de crises que integra o governo regional, a agência digital regional, municípios, aeroportos e portos. Valência caracteriza-se por uma coordenação intergovernamental, com parcerias público-privadas que visam desenvolver protocolos e medidas extraordinárias.

Quanto aos benefícios fiscais, foram pensadas medidas para aliviar a carga fiscal das empresas nos impostos como IVA e impostos sociais, superar a falta de liquidez criando fundos de solidariedade para pequenas e médias empresas e proteger os trabalhadores ao cancelar ou reduzir as quotas dos trabalhadores por conta própria enquanto que estes não podiam trabalhar devido a confinamentos, e ainda a flexibilização dos programas de desemprego.

No caso de assistência técnica, destinos como Valência, Toscana e Escócia trabalharam para garantir a aprendizagem à distância para desempregados através de meios digitais e *webinars* temáticos.

A análise de dados pretende fornecer dados que orientem ações para combater a Covid-19 ao escutar os gestores de alojamento turístico, as redes sociais e internet e elaborar informações semanais sobre voos pesquisados, reservas e capacidade de oferta pelas companhias aéreas.

Quanto à promoção, pode notar-se que quase todas as regiões realizaram de alguma forma uma campanha publicitária digital, encorajando os turistas a permanecerem em casa, mas também a viajarem assim que fosse possível, mostrando algumas das atrações turísticas.

Por último, quanto aos turistas foram tomadas medidas como a criação de *vouchers* para que os turistas afetados pela Covid-19 não cancelem as viagens, mas as adiem. No caso de Itália, foram criados *vouchers* no valor de 500 euros para que as famílias com baixos rendimentos pudessem gastar em alojamento no país (Ortega et al. 2020).

3.6. Medidas a implementar para impulsionar o Turismo

A crise atual já é considerada a mais desafiante da história recente da humanidade, e compara-se às guerras do século XX e à pandemia da gripe espanhola de 1918. Estas crises também trouxeram impactos ao turismo e consequentemente aos turistas.

Netto et al. (2020) explica que o turista é afetado nas suas decisões de viagem por fatores subjetivos e objetivos. Os fatores subjetivos podem ser o medo, a falta de vontade de ir para um lugar e as crenças políticas e religiosas, e os fatores objetivos são os que se apresentam de forma externa e são percebidos não só por um sujeito, mas sim por um grupo de sujeitos. As mudanças globais afetam não só o turismo, mas toda a mobilidade e ações das populações. O autor refere ainda que os turistas devem-se adaptar aos costumes locais e não a população local se adaptar aos costumes dos turistas. Para impulsionar o turismo, os benefícios devem ser percebidos por toda a população de forma adequada.

No caso da Costa Rica foram tomadas ações para impulsionar o turismo, como os vistos renovados automaticamente até dia 17 julho de 2020 para todos os turistas que entraram no país depois de 17 de dezembro de 2019, a não cobrança de impostos e alugueres e redução de juros. Já no caso dos trabalhadores foi criado um plano para ajudar financeiramente os que viram os seus contratos de trabalho suspensos ou viram o salário ser reduzido.

Netto et al. (2020) afirmam ainda que a tecnologia e inovação podem ajudar o setor a recuperar da crise. No caso do Aeroporto Internacional de Puerto Rico (Aeroporto Luis Munõz Marín), por exemplo, foram instaladas câmaras térmicas para medir os passageiros no check-in. As câmaras acionam um alarme caso alguém apresente temperatura igual ou maior a 38 graus Celsius. Os autores acrescentam ainda que, muito provavelmente, o turismo doméstico seja o primeiro a ser retomado, uma vez que as pessoas se sentem mais seguras em viajar no seu país. Desta forma, faz sentido que os gestores do turismo nacional, comecem por elaborar pacotes e incentivar as viagens domésticas. Isto irá permitir que pequenos e médios empreendimentos beneficiem com os ganhos que advém do turismo. Até que os voos internacionais sejam repostos, o destino terá pela frente um árduo trabalho de marketing para fortalecer a sua marca como um destino seguro, tanto a nível da doença como no caso da imagem negativa criada pela instabilidade política, económica e social. Geralmente os turistas não querem viajar para países que têm a sua imagem “estragada”.

A OMT (2020) destaca as seguintes prioridades para impulsionar o Turismo: fornecer liquidez e proteger o emprego; restaurar a confiança, proporcionando segurança; aproveitar as parcerias público-privadas para uma reabertura eficiente; abrir as fronteiras de forma responsável; harmonizar e coordenar protocolos e procedimentos; criar empregos de valor acrescentado através de novas tecnologias e tornar a inovação e a sustentabilidade o novo normal.

Os responsáveis pela gestão e planeamento dos destinos devem introduzir procedimentos exequíveis em conformidade com uma avaliação dos riscos para a saúde pública e coordenar com os sectores público e privado; apoiar as empresas na implementação dos novos protocolos e na formação do seu pessoal; promover a utilização de tecnologia para viagens seguras, sem descontinuidades e sem contacto no destino; fornecer ao sector privado e aos viajantes informação fiável, consistente e facilmente acessível sobre protocolos (enviar SMS aos turistas para os informar sobre protocolos de saúde nacionais e locais e detalhes de contacto de saúde; criar programas e campanhas para incentivar o mercado interno em cooperação com o sector privado e integrar destinos; promover novos produtos e experiências destinados a viajantes individuais ou pequenos grupos; considerar políticas de privacidade de dados quando houver uma proposta para desenvolver aplicações de rastreio; melhorar a capacidade e protocolos de saúde no destino e comunicar melhorias; assegurar a coordenação entre as políticas de turismo, saúde e transportes e definir os papéis e responsabilidades das administrações, do sector privado e dos viajantes (OMT, 2020).

Capítulo IV- Investigação Empírica

4.1. Pressupostos teórico-metodológicos

O tema para a dissertação foi escolhido tendo em conta a realidade que se vive atualmente no Mundo. Com o aparecimento da pandemia Covid-19 e a consequente paragem no mundo das viagens, torna-se necessário pensar em formas de reativar o turismo e de não voltar a cometer os meus erros que estavam a ser seguidos no que diz respeito à gestão e desenvolvimento de alguns destinos.

Desta forma, o presente estudo pretende perceber de que forma os residentes percecionam os impactos do turismo, bem como as perspetivas para o futuro.

4.2. Objetivos do estudo

O presente estudo exploratório foi realizado com dois objetivos. O primeiro objetivo é analisar a perceção dos residentes sobre o turismo antes e durante a pandemia Covid-19 na cidade do Porto e o segundo é perceber como os residentes esperam que a atividade turística se desenvolva no futuro.

Com a realização deste estudo pretende-se ainda:

- analisar os impactos positivos e negativos do turismo no Porto para os residentes;
- perceber a visão dos residentes quanto ao seu grau de envolvimento com o turismo na cidade;
- averiguar como os residentes gostariam que o turismo se desenvolvesse na cidade do Porto.

4.3. Hipóteses

As hipóteses criadas para este estudo têm como base a leitura da revisão da literatura, especialmente a que se refere aos impactos provocados pela atividade turística, bem como a forma como os residentes a percecionam. O estudo de Andres Marques et al (2020) realizado na cidade do Porto para avaliar a perceção dos residentes acerca dos impactos do turismo foi o ponto de partida para a criação das hipóteses abaixo apresentadas.

H1- Os residentes do Porto têm uma perceção positiva sobre a atividade turística na cidade.

H2- Os residentes do Porto entendem que o Turismo na cidade é importante para o desenvolvimento da mesma.

H3- Os impactos negativos do Turismo afetam a percepção que os residentes têm da importância do Turismo para a cidade.

H3a- Os impactos económicos negativos do Turismo afetam a percepção que os residentes têm da importância do Turismo para a cidade

H3b- Os impactos socioculturais negativos do Turismo afetam a percepção que os residentes têm da importância do Turismo para a cidade

H3c- Os impactos ambientais negativos do Turismo afetam a percepção que os residentes têm da importância do Turismo para a cidade

H4- Os residentes gostam de ver turistas na cidade.

4.4. Metodologia – Ferramentas de análise empírica

Quando definidos os objetivos e hipóteses do estudo, e uma vez que se pretende obter a percepção dos residentes na cidade do Porto, foi utilizado um questionário como instrumento metodológico. O questionário teve por base o questionário utilizado no estudo realizado por Andres Marques et al. (2020), que tinha como objetivo analisar a forma como os residentes percecionam os impactos do Turismo no centro histórico do Porto.

O questionário deste estudo exploratório está dividido em três partes.

A primeira parte é constituída pelos impactos do Turismo na cidade do Porto, e está dividida por impactos positivos e negativos, e ainda em 3 secções: impactos económicos, sócio culturais e ambientais. Para cada um destes impactos foram criadas 6 afirmações que serão respondidas utilizando a escala de *Likert*, onde 1 corresponde a discordo totalmente e 5 corresponde a concordo totalmente. Esta parte corresponde à pergunta 1 e 2 do questionário.

A segunda parte do questionário está dividida em duas secções. A primeira (perguntas 3 e 4) pretende medir o grau de envolvimento do inquirido com o turismo e a forma como este gostaria que o turismo se desenvolvesse futuramente. Para responder a estas duas perguntas foram criadas 7 afirmações, que serão respondidas utilizando a escala de *Likert* de concordância, onde 1 corresponde a discordo totalmente e 5 corresponde a concordo totalmente. A segunda secção, perguntas 5 a 9, pretende questionar a opinião dos inquiridos sobre o fluxo do turismo e a forma como se desenvolvia e como gostariam que se desenvolvesse no futuro, utilizando uma escala de *Likert* de avaliação.

Na terceira e última parte do questionário, perguntas 10 a 19, pretende fazer-se a caracterização sócio demográfica dos inquiridos. Esta parte é composta por perguntas de escolha múltipla fechadas, e pretende questionar se o inquirido nasceu no Porto, há quanto tempo reside no Porto, em que freguesia, e ainda o sexo, idade, habilitações literárias, situação face ao emprego, profissão e perceber se trabalha no Centro Histórico do Porto.

Foram realizados 101 questionários, de forma presencial aos residentes na cidade do Porto, entre os dias 20 de janeiro e 11 de fevereiro de 2022.

O número de inquiridos em cada freguesia do concelho do Porto foi definido tendo em conta o número de residentes, segundo os resultados provisórios dos Censos 2021. Na tabela abaixo, consta o número de residentes na cidade do Porto por freguesia e o número de questionários aplicados em cada uma.

Tabela 1: Residentes no Concelho do Porto

Freguesias do Concelho do Porto	Nº de Residentes	Questionários Realizados
União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde	29087	13
União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória	37434	16
União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos	27913	12
Bonfim	22981	10
Campanhã	29674	13
Paranhos	45890	20
Ramalde	38849	17
Total Residentes//Total questionários	231828	101

Fonte: INE

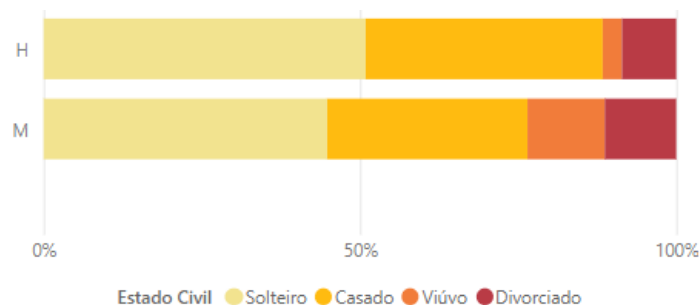
Importa ainda referir que os questionários foram aplicados em época considerada baixa, o que também influencia as respostas dos inquiridos. Para obter resultados mais fidedignos da perceção dos inquiridos, o questionário deveria ser aplicado durante todo o ano, mas por uma questão de cumprimento de datas tal não foi possível. Aquando da realização deste estudo, o país encontrava-se em período de pandemia, em que existiram meses de confinamento e restrições às viagens, bem como outras medidas para controlar a pandemia, como o distanciamento social. Todos estes fatores constituíram um constrangimento para a realização dos questionários.

4.5. Universo e Amostra

O universo da pesquisa é a população residente na cidade do Porto.

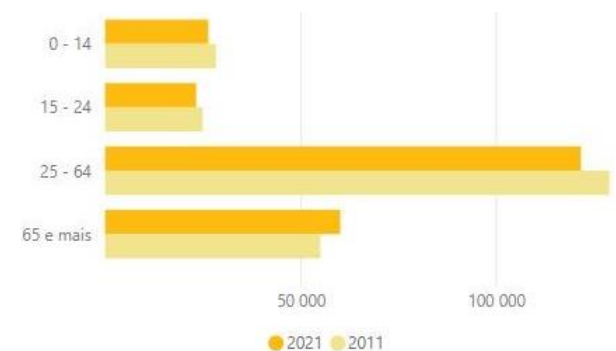
Segundo os resultados provisórios dos Censos de 2021, a população residente no concelho do Porto é maioritariamente com estado civil solteiro, com as idades compreendidas entre os 25 e 64 anos e com o nível de ensino superior.

Gráfico 1: Estado civil dos residentes no Porto



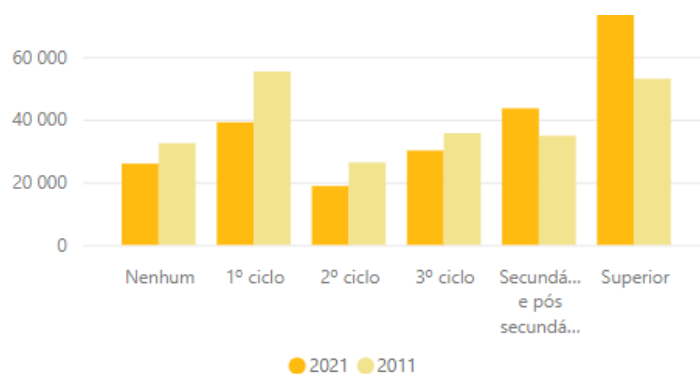
Fonte: INE

Gráfico 2: Idade dos residentes no Porto



Fonte: INE

Gráfico 3: Habilitações dos residentes no Porto



Fonte: INE

A amostra corresponde a 101 indivíduos, e é considerada uma amostra por conveniência não probabilística. Apesar de não ser uma amostra significativa, a mesma é representativa da população residente.

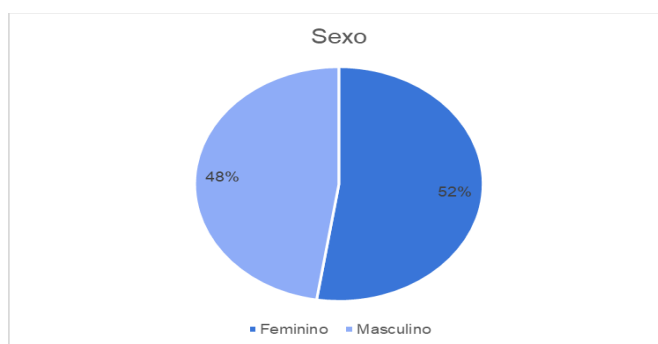
Capítulo V- Análise e Discussão de Resultados

5.1. Caracterização da Amostra

Como mencionado anteriormente, a amostra é constituída por 101 indivíduos. Com as questões relacionadas com a caracterização da amostra é possível fazer uma caracterização sócio demográfica dos inquiridos que engloba o sexo, idade, habilitações literárias, perceber se nasceu no Porto, freguesia em que reside, se sempre residiu no Porto, tempo de residência, situação face ao emprego e se trabalha no Centro Histórico do Porto.

Quanto ao sexo dos inquiridos, a amostra é constituída por 53 indivíduos do sexo feminino e 48 do sexo masculino, 52% e 48%, respetivamente.

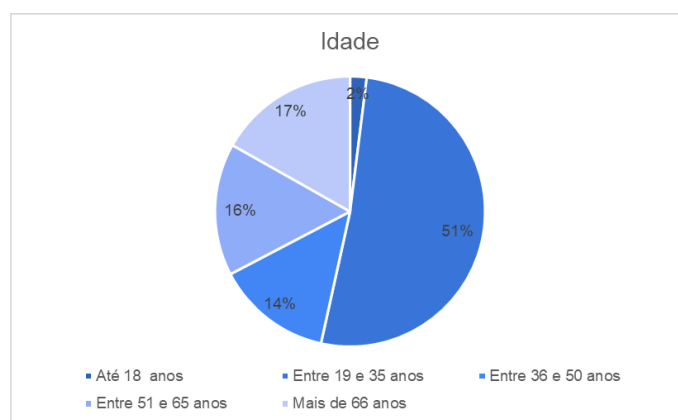
Gráfico 4: Sexo dos inquiridos



Fonte: Própria

Quanto à idade dos inquiridos, 51% corresponde à idade entre 19 e 35 anos, 17% tem mais de 66 anos, 16% tem entre 51 e 65 anos, 14% tem entre 36 e 50 anos e apenas 2% até 18 anos.

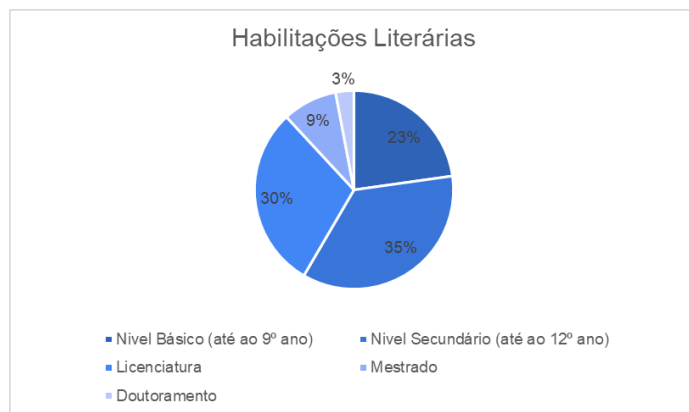
Gráfico 5: Idade dos inquiridos



Fonte: Própria

Relativamente às habilitações literárias, a amostra é constituída por 35% de inquiridos com o nível secundário, 30% tem licenciatura, 23% o nível básico, 9% tem mestrado e apenas 3% doutoramento.

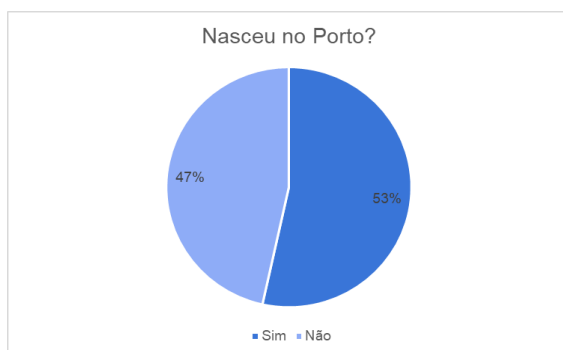
Gráfico 6: *Habilitações literárias dos inquiridos*



Fonte: Própria

Na amostra de 101 indivíduos, 53% nasceu no Porto e 52% da amostra sempre residiu no Porto.

Gráfico 7: *Se inquiridos nasceram no Porto*



Fonte: Própria

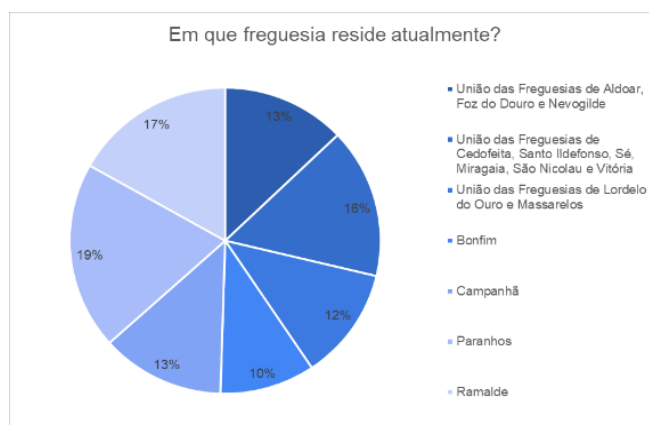
Gráfico 8: *Se inquiridos sempre residiram no Porto*



Fonte: Própria

Dos indivíduos inquiridos, 19% reside na freguesia de Paranhos, 17% em Ramalde, 16% na União de freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, 13% nas freguesias de Campanhã e União de freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, 12% na União de freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos e 10% reside na freguesia de Bonfim.

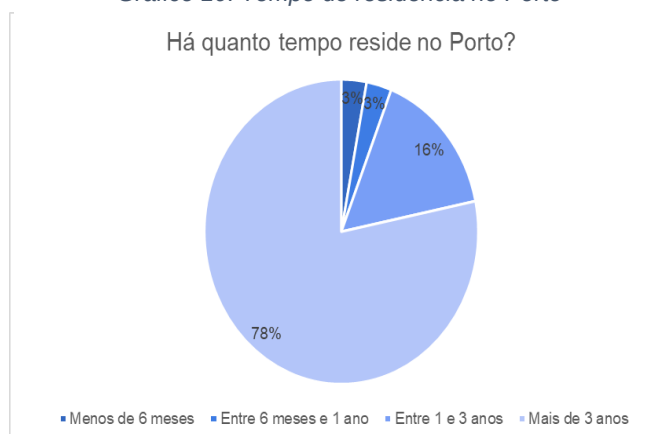
Gráfico 9: Freguesia em que residem os inquiridos



Fonte: Própria

Relativamente ao tempo de residência na cidade, 78% da amostra já reside há mais de 3 anos, 16% entre 1 e 3 anos, e 3% da amostra entre 6 meses e 1 ano e menos de 6 meses.

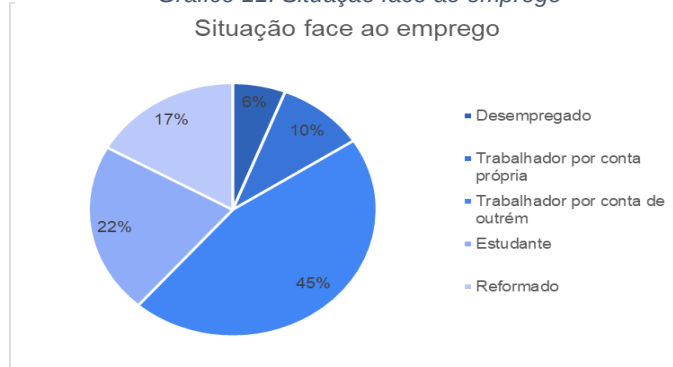
Gráfico 10: Tempo de residência no Porto



Fonte: Própria

Quanto à situação face ao emprego, 45% é trabalhador por conta de outrem, 22% é estudante, 17% reformado, 10% são trabalhadores por conta própria e 6% dos inquiridos estão desempregados.

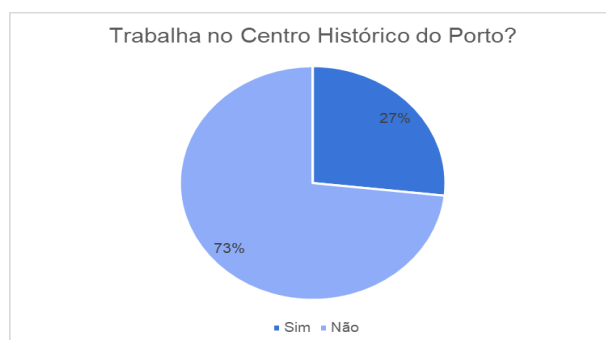
Gráfico 11: Situação face ao emprego



Fonte: Própria

Dos inquiridos, 73% não trabalha no Centro Histórico do Porto, e 27% trabalha.

Gráfico 12: Se inquiridos trabalham no CHP



Fonte: Própria

5.2. Discussão de Resultados

De forma a avaliar a perceção dos residentes quanto aos impactos do turismo, positivos e negativos, e a nível económico, sociocultural e ambiental, foram criadas 6 afirmações para cada um destes níveis. Numa escala de concordância de *Likert* de 1 a 5, em que 1 é discordo totalmente, 2 discordo, 3 não discordo nem concordo, 4 concordo e 5 concordo totalmente, os inquiridos demonstraram a sua posição relativamente às afirmações.

Relativamente aos impactos económicos positivos, à afirmação que permite a criação de emprego, bem como o desenvolvimento da economia local a média é de 3,9. A maioria concorda com esta afirmação.

A afirmação 3, sobre o aumento dos investimentos na cidade, a maioria dos inquiridos concorda com esta afirmação, com uma média de concordância de 4,1.

Relativamente à diversificação económica, apesar de a maioria concordar com a afirmação, a média é de apenas 3,6.

Quanto ao aumento das receitas fiscais e nacionais e sobre o aumento dos rendimentos nas atividades relacionadas com o turismo, uma vez mais, a maioria concorda, uma vez que a média se situa em 3,9.

Para todas as afirmações sobre os impactos económicos positivos, os inquiridos em média concordam, sendo que, concordam mais com a afirmação 3, aumento de investimentos na cidade, e em menor escala com a afirmação 4, diversificação da atividade económica. Contudo, os valores médios estão muito aproximados para todas as afirmações.

Tabela 2: Média dos impactos económicos Positivos

Impactos Económicos Positivos			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Permite a criação de emprego	3,9	4	1,067
Desenvolvimento da economia local	3,9	4	1,082
Aumento de investimentos na cidade	4,1	4	0,95
Diversificação da atividade económica	3,6	4	1,071
Aumento das receitas fiscais locais e nacionais	3,9	4	1,014
Aumento dos rendimentos nas atividades relacionadas com o Turismo	3,9	4	1,191

Fonte: Própria

No que diz respeito aos impactos socioculturais positivos, na afirmação “reaparecimento das tradições e partilha cultural com os visitantes”, a média é de 3,1, ou seja, a maioria dos inquiridos não discordo nem concordo.

Quanto à afirmação “renovação da identidade e do orgulho da sua própria cultura”, o nível de concordância é de 3,4. A maioria dos inquiridos não discorda nem concorda com esta afirmação.

Sobre o aumento da qualidade de vida dos residentes, a média das respostas é de apenas 2,9. Uma vez mais, temos uma média de inquiridos que afirma que não discorda nem concorda.

Relativamente à melhoria das acessibilidades e meios de transporte, o nível de concordância encontra-se em 3,4. A maioria dos inquiridos concorda com esta afirmação, apesar da percentagem aproximada de indivíduos que não discorda nem concorda.

Quanto à renovação e manutenção dos espaços públicos, a média das respostas é de 3,5. Para esta afirmação, os inquiridos responderam não discordo nem concordo.

Por último, quanto à proteção e promoção do património, a análise de dados mostra uma concordância de 3,7. Nesta afirmação, o valor médio representa que grande maioria dos inquiridos concorda com a afirmação.

De uma forma geral, relativamente aos impactos socioculturais positivos, em média os inquiridos não discordam nem concordam com a maioria das afirmações. A afirmação em que é mais notável a discordância dos inquiridos é o aumento da qualidade de vida dos residentes. Desta forma é possível concluir, que relativamente aos impactos socioculturais os residentes não têm uma opinião muito formada, com a exceção da qualidade de vida, uma vez que é a afirmação com que mais discordam.

Tabela 3: Média dos impactos socioculturais positivos

Impactos Socioculturais Positivos			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Reaparecimento das tradições e partilha cultural com os visitantes	3,1	3	1,249
Renovação da identidade e do orgulho da sua própria cultura	3,4	4	1,263
Aumento da qualidade de vida da comunidade	2,9	3	1,245
Melhoria das acessibilidades e meios de transporte	3,4	3	1,158
Renovação e manutenção dos espaços públicos	3,5	4	1,064
Contribui para a proteção e promoção do património	3,7	4	1,140

Fonte: Própria

Quanto à perceção sobre os impactos ambientais positivos, na afirmação “proteção da área selvagem e das áreas protegidas”, em média a amostra representa um grau de concordância de 3.

Quanto às afirmações 2,3,4 e 5, “existência de uma maior sensibilização para a proteção dos recursos”, “adoção de medidas para preservar o meio ambiente”, “criação de recursos para preservar o meio ambiente” e “aperfeiçoamento do plano de gestão ambiental”, a média das respostas é de apenas 2,9.

Relativamente à afirmação “maior preocupação por manter a cidade higienizada”, a percentagem de inquiridos que não concorda ou discorda totalmente é menor, e por isso a média encontra-se em 3,4.

No que concerne aos impactos ambientais positivos, em média os inquiridos não discordam nem concordam com as afirmações. É assim possível concluir que os inquiridos não percecionam os impactos ambientais positivos. A afirmação que reúne maior percentagem de concordância é a preocupação por manter a cidade do Porto higienizada.

Tabela 4: Média dos impactos ambientais positivos

Impactos Ambientais Positivos			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Proteção da vida selvagem e das áreas protegidas	3,0	3	1,072
Maior sensibilização para a proteção dos recursos	2,9	3	1,061
Adoção de medidas para preservar o meio ambiente	2,9	3	1,109
Criação de recursos para a preservação do meio ambiente	2,9	3	1,128
Aperfeiçoamento do plano de gestão ambiental	2,9	3	1,091
Maior preocupação por manter a cidade higienizada	3,4	4	1,201

Fonte: Própria

Quando questionados sobre os impactos negativos do turismo a nível económico, quanto à afirmação “aumento do custo de vida para os residentes”, o grau de concordância representa uma média de 4,3. Nesta afirmação, mais de metade dos inquiridos concorda totalmente.

Relativamente à inflação dos preços, uma vez mais a maioria dos inquiridos concorda totalmente, e a média encontra-se em 4,2.

Nas afirmações “desigualdade na distribuição dos benefícios económicos”, “prioridade de investimentos que estimulam a atividade turística” e “dependência económica em relação ao turismo”, a média do grau de concordância é de 4.

Quanto ao aumento das despesas públicas, a média é de apenas 3,8.

No que concerne à perceção dos inquiridos quanto aos impactos económicos negativos, em média concordam com todas as afirmações apresentadas. Das afirmações apresentadas, o aumento do custo de vida para os residentes e a inflação dos preços representam a maior percentagem de concordância. Em contrapartida, o aumento das despesas públicas é a afirmação que divide a opinião dos inquiridos.

Tabela 5: Média dos impactos económicos negativos

Impactos Económicos Negativos			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Aumento do custo de vida para os residentes	4,3	5	1,045
Inflação dos preços	4,2	5	0,989
Desigualdade na distribuição dos benefícios económicos	4,0	4	0,964
Prioridade de investimentos para atividades que estimulam a atividade turística	4,0	4	0,931
Dependência económica em relação turismo	4,0	4	1,067
Aumento das despesas públicas	3,8	4	0,984

Fonte: Própria

Relativamente aos impactos socioculturais negativos, quanto ao aumento da criminalidade e vandalismo, os inquiridos responderam com um grau de concordância de 3,5.

Quanto à afirmação “aumento do congestionamento do trânsito”, a amostra representa uma média de 3,7.

Na afirmação “maior número de pessoas na cidade”, metade dos inquiridos concorda totalmente, e a média é de 4,1.

Relativamente ao maior sentimento de insegurança, a média é de apenas 3,1. O valor mostra que os residentes não têm perceção de insegurança.

Quanto à perda da identidade do destino, a maioria dos inquiridos não discorda nem concorda com esta afirmação, e desta forma a média representa 3,3.

Por último, quando à especulação imobiliária, a média representada é de 4,4 e é a afirmação com a maior percentagem de inquiridos que concordam totalmente.

De uma forma geral, os inquiridos têm a perceção da existência de impactos socioculturais negativos. A afirmação com que os inquiridos mais concordam é a especulação imobiliária, seguindo-se do maior número de pessoas na cidade. Por outro lado, os inquiridos têm uma menor perceção relativamente ao sentimento de insegurança e a perda de identidade do destino.

Tabela 6: Média dos impactos socioculturais negativos

Impactos Socioculturais Negativos			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Aumento da criminalidade e vandalismo	3,5	4	1,278
Aumento do congestionamento de trânsito	3,7	4	1,295
Maior número de pessoas na cidade	4,1	4	1,151
Maior sentimento de insegurança	3,1	3	1,324
Perda de identidade do destino	3,3	3	1,155
Especulação imobiliária	4,4	5	0,969

Fonte: Própria

Relativamente aos impactos ambientais negativos, a afirmação “aumento da poluição do ar e da água”, regista uma média de 3,5.

Quanto às alterações na água do mar provocadas pela atividade turística, a amostra representa um grau de concordância de 3,2. A maioria dos inquiridos não discorda nem concorda com esta afirmação.

Na afirmação “excesso de desperdício causado pelo turismo” e na afirmação sobre a poluição sonora e visual, a média da amostra é de 3,5.

Quanto à escassez dos recursos naturais necessários à população, os inquiridos não percecionam de forma clara este impacto, o que se verifica na média de 3,2.

Quanto ao aumento do lixo produzido na cidade, em média, o grau de concordância é de 4,1.

De acordo com a média obtida ao analisar os impactos ambientais negativos, podemos afirmar que a maioria dos inquiridos não discordam nem concordam com as afirmações. No entanto, podemos afirmar que no que toca ao aumento do lixo produzido (4) e ao aumento da poluição do ar e da água (3,5) e aumento da poluição sonora (3,5) e também do excesso de desperdício causado pelo turismo (3,5), os inquiridos percecionam ligeiramente estes impactos ambientais (ver tabela 7)

Tabela 7: Média dos impactos ambientais negativos

Impactos Ambientais Negativos			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Aumento da poluição do ar e da água	3,5	4	1,145
Alterações na água do mar provocadas pela atividade turística	3,2	3	1,198
Excesso de desperdício causado pelo turismo	3,5	4	1,213
Poluição sonora e visual	3,5	4	1,205
Escassez dos recursos naturais necessários à população	3,2	3	1,103
Aumento do lixo produzido na cidade	4,1	4	1,076

Fonte: Própria

A segunda parte do questionário pretende analisar o grau de envolvimento dos residentes com o turismo do Porto. Na afirmação “apoio fortemente o desenvolvimento do turismo”, a média da amostra representa um grau de concordância de 3,9.

Quanto à participação dos inquiridos na divulgação do destino, a média das respostas é de 3,2.

Na afirmação “procuro informar-me sobre as políticas e medidas exercidas pelo turismo do Porto”, a média é de apenas 3.

Quanto à participação no planeamento do turismo, a média é de apenas 2,2.

Quanto à afirmação “concordo com a forma como o turismo do Porto está a ser gerido”, os inquiridos representam uma média de 2,9.

Relativamente à afirmação “gosto de interagir com os turistas”, o grau de concordância aumenta, com uma média de 3,8.

Quanto a alterar os hábitos de vida devido aos turistas, os inquiridos não percecionam esta realidade, uma vez que a média é de 2,2.

Relativamente ao grau de envolvimento com o turismo na cidade do Porto, os residentes inquiridos, em média, apoiam fortemente o desenvolvimento do turismo. Quanto à participação na divulgação do destino e procurar manterem-se informados quanto às políticas e medidas exercidas pelo turismo do Porto, em média, os inquiridos não discordam nem concordam com esta afirmação. No que diz respeito à participação no planeamento do turismo, no geral, os inquiridos afirmam não participar. Quanto à forma como o turismo do Porto está a ser gerido, os residentes afirmam não discordar nem concordar. Quanto à interação com os turistas, a média demonstra que os residentes gostam de interagir com os turistas e não alteram os seus hábitos de vida devido aos turistas.

Tabela 8: Média do grau de envolvimento com o turismo

Grau de envolvimento com o Turismo			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Apoio fortemente o desenvolvimento do Turismo	3,9	4	1,074
Participo ativamente na divulgação do destino	3,2	3	1,26
Procuro informar-me sobre as políticas e medidas exercidas pelo Turismo do Porto	3,0	3	1,276
Participo no planeamento do Turismo	2,2	2	1,147
Concordo com a forma como o Turismo no Porto esta a ser gerido	2,9	3	0,97
Gosto de interagir com os turistas	3,8	4	1,164
Altero os meus hábitos de vida devido aos turistas	2,2	2	1,317

Fonte: Própria

No que diz respeito à forma como gostariam que o turismo do Porto se desenvolvesse no futuro, na afirmação “gostaria de ver mais turistas na cidade”, a média é de 3,5, com a maioria dos inquiridos a concordar que gostavam de ver mais turistas.

Na afirmação “devem ser criadas medidas para atrair mais turistas”, o grau de concordância da amostra é de 3,4.

Quanto à afirmação “a cidade do Porto não precisa de mais turistas”, a média é de 2,6. Este valor demonstra que os inquiridos não concordam com a afirmação.

Na afirmação “devem ser criadas medidas para reduzir o número de turistas na cidade”, a média encontra-se em 2,1. Uma vez mais, os residentes não concordam com a afirmação.

Relativamente à existência de uma maior harmonia entre residentes e turistas, a média é de 3,6, o que mostra que os residentes gostariam que existisse uma maior harmonia.

Relativamente à vontade dos inquiridos em ver mais residentes a morar no Centro Histórico do Porto, a média é de 4,4.

Por último, na afirmação “devem ser implementadas leis que permitam que os preços dos imóveis não aumentem em detrimento da atividade turística”, o grau de concordância é de 4,5.

Quanto à forma como os inquiridos gostavam que o Porto se desenvolvesse no futuro, os inquiridos concordam que gostariam de ver mais turistas na cidade e concordam que devem ser criadas medidas para atrair mais turistas. Para além disso, discordam que o Porto não precisa de mais turistas, bem como discordam com a criação de medidas para reduzir o número de turistas. Relativamente à existência de mais residentes no Centro Histórico do Porto, os inquiridos gostavam que esta fosse uma realidade. E por último, quanto a serem criadas medidas que permitam que os preços dos imóveis não aumentem em detrimento da atividade turística, os inquiridos concordam totalmente, como podemos verificar pela média apresentada.

Tabela 9: Média turismo no Porto futuramente

Turismo no Porto futuramente			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Gostaria de ver mais turistas na cidade	3,5	4	1,197
Devem ser criadas medidas para atrair mais turistas	3,4	4	1,189
A cidade do Porto não precisa de mais turistas	2,6	3	1,368
Devem ser criadas medidas para reduzir o número de turistas no Porto	2,1	2	1,128
Gostaria que existisse uma maior harmonia e interação entre turistas e residentes	3,6	4	0,999
Gostaria de ver mais residentes a morar no centro histórico do Porto	4,4	5	0,934
Devem ser implementadas leis que permitam que os preços dos imóveis não aumentem em detrimento da atividade turística	4,5	5	0,878

Fonte: Própria

Quando questionados sobre a opinião geral quanto ao turismo no Porto, e numa escala de 1 a 5, em que 1 representa péssima, 2 má, 3 satisfatória, 4 boa e 5 muito boa, a média das respostas dos inquiridos é 3,6.

Relativamente ao fluxo atual de turismo no Porto, escala de 1 a 5, em que 1 representa muito baixo, 2 baixo, 3 moderado, 4 alto e 5 muito alto, os inquiridos responderam em média 3.

Foi ainda questionado se, neste momento, gostariam que existisse mais ou menos turismo e numa escala de 1 a 5 em que 1 muito menos, 2 menos, 3 o mesmo, 4 mais e 5 muito mais, ao qual a amostra respondeu 3,5.

Quanto à opinião sobre o desenvolvimento do turismo anteriormente à pandemia Covid-19 e numa escala de 1 a 5, em que 1 representa péssima, 2 má, 3 satisfatória, 4 boa e 5 muito boa, a média dos inquiridos é de 3,5.

Relativamente ao fluxo de turismo no Porto antes da pandemia Covid-19, e numa escala de 1 a 5 em que 1 representa muito menos, 2 menos, 3 o mesmo, 4 mais e 5 muito mais, a amostra respondeu em média, 4,2.

De uma forma geral, os inquiridos têm uma opinião moderada-bom sobre o turismo do Porto, apesar de desejarem que, neste momento, existisse mais turismo. Os inquiridos descrevem, atualmente, o fluxo de turismo como moderado. Quando questionados sobre o turismo anteriormente à Covid-19, os inquiridos responderam com uma opinião moderada-bom, apesar de descreverem o fluxo de turismo como alto.

Desta forma, podemos concluir que apesar de os inquiridos descreverem o fluxo de turismo anteriormente à Covid-19 como alto, continuam neste momento a desejar ver mais turistas na cidade e a ter uma opinião moderada-bom sobre o turismo.

Tabela 10: Média turismo no Porto

Turismo no Porto			
	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Em termos gerais, qual a sua opinião sobre o Turismo no Porto?	3,6	4	0,721
Como descreveria o fluxo atual do Turismo no Porto?	3,0	3	0,906
Neste momento, gostaria que houvesse mais ou menos Turismo no Porto?	3,5	4	0,756
Anteriormente à Covid-19, qual a sua opinião acerca do desenvolvimento do Turismo no Porto?	3,5	4	0,923
Anteriormente à Covid-19, como descreveria o fluxo do Turismo no Porto?	4,2	4	0,797

Fonte: Própria

5.3. Validação das hipóteses

Após a análise dos resultados dos questionários e das respetivas médias é agora possível verificar a validação das hipóteses.

Relativamente à hipótese 1: Os residentes do Porto têm uma perceção positiva sobre a atividade turística na cidade e analisando a média dos impactos positivos e negativos, podemos afirmar que, de uma forma geral, os inquiridos têm a perceção dos impactos tanto positivos como negativos, apesar de terem uma perceção ligeiramente maior relativamente aos impactos negativos. Uma vez que a média dos impactos negativos é superior à média dos impactos positivos, podemos afirmar que a hipótese não se encontra validada.

Tabela 12: Média impactos positivos

Média dos impactos positivos	
Económicos	3,9
Socioculturais	3,3
Ambientais	3,0
Média Total	3,4

Fonte: Própria

Tabela 11: Média impactos negativos

Média dos impactos negativos	
Económicos	4,1
Socioculturais	3,7
Ambientais	3,5
Média Total	3,7

Fonte: Própria

Quanto à hipótese 2: Os residentes do Porto entendem que o Turismo na cidade é importante para o desenvolvimento da mesma, podemos assim analisar os impactos positivos económicos, uma vez que são um fator crucial para o desenvolvimento de uma cidade.

Tabela 13: Média dos impactos positivos

Média dos impactos positivos	
Económicos	3,9
Socioculturais	3,3
Ambientais	3,0
Média Total	3,4

Fonte: Própria

Relativamente à hipótese apresentada, podemos afirmar que se encontra validada. Após a análise da média dos impactos positivos, podemos verificar que os inquiridos têm uma maior perceção dos impactos económicos, em comparação com os restantes impactos.

Podemos assim afirmar que esta perceção positiva em relação aos impactos económicos pode ser a forma para os residentes entenderem o turismo como algo positivo para o desenvolvimento do Porto.

Relativamente à hipótese 3, podemos afirmar que a hipótese não se encontra validada. Tal como se pode verificar na tabela abaixo, os inquiridos têm a perceção dos impactos negativos, contudo continuam a reconhecer a importância do turismo para a cidade, uma vez que têm uma opinião moderada-bom, pensam que atualmente o fluxo de turistas na cidade é moderado e desejavam que num futuro existisse mais turismo.

Tabela 15: Média dos impactos negativos

Média dos impactos negativos	
Económicos	4,1
Socioculturais	3,7
Ambientais	3,5
Média Total	3,7

Fonte: Própria

Tabela 14: Média turismo no Porto

Turismo no Porto	Média
Em termos gerais, qual a sua opinião sobre o Turismo no Porto?	3,6
Como descreveria o fluxo atual do Turismo no Porto?	3,0
Neste momento, gostaria que houvesse mais ou menos Turismo no Porto?	3,5

Fonte: Própria

De forma a ser possível validar a hipótese 4: Os residentes gostam de ver turistas na cidade, foram colocadas afirmações diretas, onde os inquiridos responderam de 1 a 5, numa escala de *Likert*, em que 1 é Discordo Totalmente, 2 Discordo, 3 Não discordo nem Concordo, 4 Concordo e 5 Concordo Totalmente, se gostariam de ver mais turistas na cidade e se devem ser criadas medidas para atrair mais turistas. Relativamente à hipótese 4 podemos afirmar que se encontra validada. Os inquiridos além de afirmar que gostam de ver turistas na cidade, concordam que devem ser criadas medidas para atrair mais turistas.

Tabela 16: Média turismo no Porto futuramente

Turismo no Porto futuramente	Média
Gostaria de ver mais turistas na cidade	3,5
Devem ser criadas medidas para atrair mais turistas	3,4

Fonte: Própria

Capítulo VI- Conclusões

Ao realizar este estudo pretendeu-se analisar a perceção dos residentes relativamente ao presente e o futuro da atividade turística na cidade tendo em conta a situação que o mundo está a viver atualmente.

Os dois objetivos definidos passaram por analisar a perceção dos residentes sobre o turismo antes e durante a pandemia Covid-19 na cidade do Porto e perceber como os residentes esperavam que a atividade turística se desenvolvesse no futuro.

Pretendeu-se investigar se os residentes do Porto têm uma perceção positiva sobre a atividade turística na cidade, se os residentes do Porto entendem que o Turismo na cidade é importante para o desenvolvimento da mesma, se os impactos negativos do Turismo afetam a perceção que os residentes têm da importância do Turismo para a cidade e se os residentes gostam de ver turistas na cidade.

O turismo urbano constitui o conjunto de todas as atividades e sítios que se podem visitar e que tornam os destinos urbanos atrativos. A motivação para a prática deste turismo tem normalmente como base a procura e conhecimento da cultura, património e civilizações, mas também na vontade de visitar familiares e amigos, viagens de negócios ou compras, e por isso representam normalmente uma estada sem dormida. Este tipo de turismo exerce normalmente grande pressão sobre os equipamentos e infraestruturas dos destinos, e por isso, como forma de impedir a saturação dos espaços urbanos, começam a surgir conceitos como turismo sustentável, que em primeira estância pretende diminuir a pobreza e aumentar a riqueza dos destinos. De forma a aproximar-se da realização destas necessidades, a ONU cria em conjunto com os seus estados-membro, uma campanha com 17 objetivos, que se centram essencialmente em permitir o desenvolvimento sustentável, promover a paz, a justiça e instituições eficazes. Como o turismo representa uma grande relevância a nível económico, a UNWTO criou uma plataforma onde todos os intervenientes podem dar o seu contributo e assim aproximar-se do cumprimento dos objetivos definidos. Ao abordar os diferentes modelos de gestão de turismo verifica-se, uma vez mais, a importância de auscultar os residentes, pois a perceção dos residentes sobre o turismo, está dependente do tipo de turista que o destino acolhe, do ciclo de vida em que se encontra o destino, o tempo que o residente está em contato com o turista e quanto esse contato obriga os residentes a alterarem o seu quotidiano. As atitudes dos residentes são mais positivas quanto maiores os benefícios da atividade turística.

Quando analisadas as respostas obtidas no questionário aplicado aos residentes no Porto, podemos concluir que os residentes inquiridos têm uma maior perceção dos impactos negativos, uma vez que a média de concordância relativamente aos impactos negativos é maior do que a média obtida nos impactos positivos.

Tal como afirma Diedrich & García-Buades (2009), os benefícios económicos são o fator de maior importância para a comunidade local e resulta numa maior hospitalidade e receptividade aos turistas e atividade turística.

Relativamente aos impactos positivos e de acordo com o verificado na revisão da literatura, os inquiridos têm uma maior perceção dos impactos económicos do que dos socioculturais e ambientais. A amostra representa uma média de concordância muito reduzida em relação aos impactos socioculturais e ambientais positivos, ou seja, estes são menos percecionados pelos residentes.

Quanto aos impactos negativos, uma vez mais os impactos económicos são os mais percecionados pelos residentes. Quanto aos impactos socioculturais e ambientais negativos, estes são mais percecionados do que os positivos.

Quanto aos residentes entenderem o turismo como um fator fundamental para o desenvolvimento e tendo em conta os impactos económicos, uma vez que são, segundo a revisão da literatura, os fatores que permitem um maior desenvolvimento turístico, podemos afirmar que os residentes entendem o turismo como fator de grande relevância para o desenvolvimento da cidade, uma vez que percecionam de forma positiva os impactos económicos.

Quando questionados sobre os impactos negativos, os residentes têm uma perceção maior sobre estes impactos do que sobre os impactos positivos, contudo os resultados demonstram que a sua perceção sobre os impactos negativos do turismo nos destinos não afeta a sua perceção no que diz respeito à importância do turismo para a cidade. Os residentes continuam a ter uma opinião moderadamente boa sobre o turismo na cidade e desejam que no futuro o turismo se desenvolva mais. De acordo com o que nos mostra a literatura, ao estudar os aspetos positivos e negativos será possível encontrar um equilíbrio entre eles e assim uma maior probabilidade de obter a satisfação dos residentes (Andereck, K. & Vogt, C., 2000)

Além disso, o presente estudo mostra que os residentes do Porto afirmam querer ver mais turistas na cidade e até que devem ser criadas medidas, neste momento, para atrair mais turistas. Deste modo, podemos afirmar que o estudo corrobora o que a literatura tem demonstrado de que, acima de tudo, os residentes concordam em estabelecer contato com turistas porque estes lhes trazem mais benefícios do que custos.

Os residentes demonstram estar satisfeitos com a forma como o turismo do Porto estava a ser gerido, e por isso, não se torna necessário pensar num novo modelo de gestão de turismo para a cidade.

Podemos assim concluir que os impactos negativos que existiam antes do aparecimento da pandemia Covid-19 não demoveram os residentes de desejarem que o turismo se continue a desenvolver como uma das principais atividades económicas da cidade.

Após a análise atenta da revisão da literatura, bem como dos resultados obtidos neste estudo exploratório, podemos afirmar e concluir que se torna crucial a participação e envolvimento dos residentes como parte dos *stakeholders* para a gestão do destino, pois a sua satisfação permite que a perceção dos impactos positivos seja maior do que dos impactos negativos, e assim permitir um desenvolvimento turístico sustentável do destino.

Capítulo VII- Limitações e estudos futuros

A realização deste estudo tornou-se fundamental para perceber de que forma os residentes na cidade do Porto estavam a percecionar o turismo no momento.

A nível de limitações para uma revisão da literatura consistente podemos afirmar a falta de estudos que abordassem a perceção dos residentes relativamente ao desenvolvimento do turismo, bem como estudos que abordem a temática da pandemia que vivemos atualmente.

Para a realização dos questionários, o facto do país, bem como a cidade do Porto, terem passado por momentos de confinamento, tornou-se difícil encontrar residentes, e residentes que estivessem disponíveis para responderem ao questionário. O mesmo foi realizado durante a época baixa, o que também poderá ter influenciado as respostas dos inquiridos.

Numa perspetiva de futuro, seria importante estudar de que forma os residentes poderão ser incluídos e ouvidos de forma mais eficaz na participação dos modelos de gestão para o desenvolvimento turístico dos destinos.

Uma outra questão não abordada nesta dissertação é de que forma podem os responsáveis pela gestão do destino tornar o desenvolvimento mais sustentável, seguindo as metas de sustentabilidade definidas pela ONU e ainda diminuir a perceção negativa quanto aos impactos do turismo.

Bibliografia

- Almeida-García, F., Peláez-Fernández, M. Á., Balbuena-Vázquez, A., & Cortés-Macias, R. (2016). Residents' perceptions of tourism development in Benalmá (Spain). *Tourism Management*, 54, 259–274.
- Alpestana, D. (2021). Os novos desafios do turismo urbano. *Finisterra*, 55(115), 217–221.
- Andereck, K. & Vogt, C. (2000). The relationship between resident's attitudes towards tourism and tourism development options. *Journal of Travel Research*, 39, 27-36.
- Andereck, K. L., Nyaupane, G. P. (2011). Exploring the nature of tourism and quality of life perceptions among residents. *Journal of Travel research*, 50(3), 248-260
- Andereck, K. L., Valentine, K.M, Knopf, R.C. & Vogt, C.A. (2005). The residents' perceptions of community tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, 32, 4, pp 1056-1076.
- Andres Marques, M.I., Candeias, M.T.R, Magalhães, C.M.R (2020). How residents perceive the impacts of tourism – The Case of the historic center of Porto. *Economic and Social Development (Book of Proceedings)*, pp. 516-525
- Andriotis, K. (2005). Community groups' perceptions of and preferences for tourism development: Evidence from Crete. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 29(1), 67- 90
- Andriotis, K. e Vaughan, R. D. (2003). Urban residents' attitudes toward tourism development: the case of Crete. *Journal of Travel Research*, 42,172-185
- Ap, J. & Crompton, J.L. (1993). Resident's strategies for responding to tourism impacts. *Journal of Travel Research*, 32(1), 47-50.
- Ap, J. (1992). Residents' Perceptions on Tourism Impacts. *Annals of Tourism Research*, 19, 665– 690.
- Archer, Brian e Cooper, Chris (2002). Os impactos Negativos e positivos do turismo. THEOBALD, W. (Ed.). *Turismo Global*. São Paulo: Senac
- Baptista, M. C. (2020). Turismo criativo, uma necessidade global [Creative tourism, a global need]. *Publituris*. Retrieved from <https://www.publituris.pt/2020/06/01/opiniao-turismo-criativo-uma-necessidade-global/>

- Barros, J.C. (2021) Um olhar sobre a crise pandémica como risco global. Uma oportunidade para pensar global e agir local no turismo português. In: Turismo Mundial, Crise Sanitária e Futuro: novos tempos, novos ritmos, pp. 79-96
- Beni, M. C. (2003). Como certificar o turismo sustentável?. Turismo em análise, Volume 14, nº2, pp. 5-16
- Besculides, A., Lee M. e MacCormick, P.J. (2002). Resident's Perceptions of the Cultural Benefits of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 29(2), 303-319
- Bestard, B., & Nada, R. (2007). Attitudes toward tourism and tourism congestion. *Région et Développement*, 25, pp.193–207.
- Brito-Henriques, E. (2003). A cidade, destino de turismo. *Revista da Faculdade de Letras*. Volume XIX, pp. 163-172
- Brito-Henriques, E. (2020). Covid-19, Turismo e Sustentabilidade: Tudo está interligado. *Finisterra*, Volume 55, pp. 205-210
- Butler, R.W. (1980). The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. *Canadian Geographer*, 24(1), pp. 5-12.
- Candiotto, L.Z.P. (2009). Considerações sobre o conceito de turismo sustentável. *Revista Formação*, Volume 16, nº1, pp. 48-59
- Carneiro, M. J., Eusébio, C. (2015). Host-tourist interaction and impact of tourism on residents' Quality of Life. *Tourism & Management Studies*, 11(1), 25-34
- Carneiro, M.J.C e Eusébio, C. (2007). Host perceptions of tourism impacts: analysis na urban destination of Portugal.
- Carvalho, L., & Vale, M. (2018). From participation to startup urbanisation? Re-situating open data in Lisbon. In A. Karvonen, F. Cugurullo & F. Caprotti (Eds.), *Inside Smart Cities: Place, Politics and Urban Innovation* (pp. 211-226). London: Routledge.
- Comissão Europeia. (CE). (2020). Desempenho e previsões económicas por país [Economic performance and forecast]. Retrieved from https://ec.europa.eu/info/business-economy-euro/economic-performance-and-forecasts_pt
- Cooper, C., Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., Wanhill, S. (2007). Turismo: princípios e práticas. 3.ed. Porto Alegre: Bookman.

- Costa, C. & Albuquerque, H. (2017) Um novo modelo conceptual para o Turismo Urbano. In: Planeamento e Desenvolvimento Turístico. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, Lda, 409-424
- Dall'Agnol, S. (2012). Impactos do turismo x Comunidade Local. Semintur. Vol. VII, 1-15.
- Daskalopoulou, I. & Petrou, A. (2009) Urban Tourism competitiveness: networks and the regional asset base. *Urban Studies*, 46 (4), 779-801.
- Davis, D., Allen, J., & Cosenza, R. (1988). Segmentando residentes locais por suas atitudes, interesses e opiniões. *Journal of Travel Research*, 27, 2–8.
- Diedrich, A., García-Buades, E. (2009). Local perceptions of tourism as indicators of destination decline. *Tourism Management*, 30(4), 512-521.
- Donadio, T. (2020). Repensar a cidade inteligente ou voltar ao “antigo normal?” Uma reflexão sobre o caso de Lisboa no contexto da covid-19. *Finisterra*, Volume 55, pp. 121-126
- Eusébio, M. Celeste de A. (2006) Avaliação do impacto económico do turismo a nível regional: o caso da região central de Portugal, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro – Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial.
- Faulkner, B., & Tideswell, C. (1997). A framework for monitoring community impacts of tourism. *Journal of sustainable tourism*, 5(1), 3-28.
- Fredline, E., & Bill F. (2000). Host community reactions: A cluster analysis. *Annals of tourism research* 27(3), 763-784
- Global Compact Network Portugal (2015). A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. GCNP.
- Goeldner, C.R., Ritchie, J.R.B., McIntosh, R.W. (2002). Turismo: princípios, práticas e filosofias. 8.ed. Porto Alegre: Bookman
- Gössling, S., & Peeters, P. (2015). Assessing tourism's global environmental impact 1900–2050. *Journal of Sustainable Tourism*, 23(5), 639-659. Doi: 10.1080/09669582.2015.1008500
- Harvey, D. (2020). Anti-Capitalist Politics in the Time of COVID-19. Jacobin.
- Inskeep, Edward, (1991). Tourism planning an integrated and sustainable development approach. New York: Van Nostrand.

Instituto Nacional de Estatística - Estatísticas do Turismo : 2020. Lisboa: INE, 2021.
Disponível na www <url:https://www.ine.pt/xurl/pub/280866098>

Instituto Nacional de Estatística - Recenseamento Geral da População (Censos) 2021, INE, 2021

Jurowski, C., & Gursoy, D. (2004). Distance Effects on Resident's Attitudes Toward Tourism. *Annals of tourism research*, 31(2), 296-312.

Latour, B. (2020). Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise [Imagine gestures that stop the return of pre-crisis production]. AOC-Media.

Mathieson, A., e Wall, G. (2006). *Tourism: change, impacts and opportunities*. Harlow: Pearson Education

Murta, R.S. (2008). *A transformação do espaço urbano em função do turismo*. ANPTUR.

Netto, A.P.; Oliveira, L.S. & Severini, V.F. (2020) Do overtourism à estagnação. Reflexões sobre a pandemia do Coronavírus e o Turismo. *Cenário*, Volume 8, pp. 17-34

OMT (2003). *Turismo Internacional: uma perspectiva global*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.

OMT (2004). *Indicators of Sustainable Development for Tourism Destinations – a guidebook*.

OMT (2018). UNWTO lança uma plataforma online para alcançar os ODS por meio do turismo.

OMT (2020). *Global Guidelines to restart Tourism – a guidebook*

OMT (2020). UNWTO Reports – International tourist numbers could fall 60-80% in 2020. UNWTO. Retrieved from <https://www.unwto.org/news/covid-19-international-tourist-numbers-couldfall-60-80-in-2020>

ONU (2020). ODS da ONU: os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável para a década de 2020/2030. ONU.

Ortega, G.; Jurado, E.; Medina, A.; Bernier, E. (2020) Turismo poscoronavirus, ¿una oportunidad para el poscrecimiento?. In book: *Turismo pos-COVID-19: Reflexiones, retos y oportunidades* (pp.161-173)

Page, S. J.; Brunt, P.; Busby, G. e Connel, J. (2001). *Tourism: a modern synthesis*, (1ª edição), London:Thomson Learning.

Pearce, D.G. (2001). An integrative framework for urban tourism research. *Annals of Tourism Research*, 28 (4), 926-946.

Pearce, Douglas, (1991). *Tourist Development*. 2nd ed. Harlow (Essex): Longman Scientific & Technical.

Pinto, C.S.F. & Fernandes, F. (2020) Destination Branding do Destino Porto: um estudo de caso. *Comunicação Pública [Online]*, Vol.15 nº 28

Pires, P. (2020). E os públicos da Cultura? Da fruição presencial e do lugar do digital [What about Culture audiences? The presential enjoyment and the place of digital]. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2020/05/19/culturaipsilon/opiniao/publicos-cultura-fruicao-presencial-lugar-digital-1917235>

Reisinger, Y., & Turner, L.W., 2003. *Cross-cultural behaviour in tourism*. Oxford: Elsevier Butterworth Heinemann.

Renda, A.I., Mendes, J.C., Valle, P. O. (2014). the Destination Is Where I Live ! Residents ' Perception of Tourism Impacts. *Journal of Spatial and Organizational Dynamics*, 2(1), 72–88.

Ritchie, B. W., & Inkari, M. (2006). Host community attitudes toward tourism and cultural tourism development: the case of the Lewes District, Southern England. *International journal of tourism research*, 8(1), 27-44.

Scótolo, D. & Netto A. P. (2015). Contribuições do Turismo para o desenvolvimento local. *Cultur*. Volume 1, 36-59.

Serviço Regional de Estatística dos Açores, (2005) Indicadores de Sustentabilidade do Turismo nos Açores: o papel das opiniões e da atitude dos residentes face ao Turismo na Região. Inquérito aos residentes, SREA

Shakeela, A., & Weaver, D. (2012). Resident reactions to a tourism incident: Mapping a Maldivian Emoscape. *Annals of Tourism Research*, 39(3), 1337-1358.

Sharpley, R. , Telfer, D. (2002). *Tourism and Development: concepts and issues*. Clevedon: Channel view publications.

Simmons, D.G. & Fairweather, J.R. (1998). Towards a Tourism plan for Kaikoura. Report nº 10. Tourism Research and Education Center, Lincoln University, New Zealand.

Smith, V. (1989). Host and guests: the anthropology of tourism (2nd edition). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Souza, C.A.M. (2009) Turismo e desenvolvimento: percepções e atitudes dos residentes da Serra da Estrela. Dissertação em Gestão e Planeamento em turismo, Universidade de Aveiro.

Turismo de Portugal (2020). Desempenho turístico [Touristic performance]. Turismo de Portugal. Retrieved from http://business.turismodeportugal.pt/pt/Conhecer/Apresentacao/Desempenho_Turistico/Paginas/default.aspx

Turismo de Portugal (2021). Reativar Turismo. Construir Futuro - Plano de ação. Turismo de Portugal.

Turismo do Porto e Norte de Portugal (2020). Reerguer o Turismo da Região – Juntos Somos Mais Norte. Plano de Atividades e Orçamento 2021-2025. Turismo do Porto e Norte de Portugal

Upchurch, R., & Teivane, U. (2000). Resident perceptions of tourism development in Riga, Latvia. *Tourism Management*, 21(5), 499–507.

Vogt, C.& Jun, S. (2004). Residents' Attitudes towards Tourism market segments and tourism development in Valdez, Alaska: a comparison of residents' perceptions of tourist impacts on the economy and quality of life. In *Proceedings of the 2004 Northeastern Recreation research Symposium*.

Wang, S., & Xu, H. (2015). Influence of place-based senses of distinctiveness, continuity, self-esteem and self-efficacy on residents' attitudes toward tourism. *Tourism Management*, 47, 241–250.

World Travel & Tourism Council. (WTTC). (2020). WTTC now estimates over 100 million jobs losses in the Travel & Tourism sector and alerts G20 countries to the scale of the crisis. WTTC. Retrieved from <https://wttc.org/News-Article/> WTTC-now-estimates-over-100-million-jobslosses-in-the-Travel-&-Tourism-sector-andalerts-G20-countries-to-the-scale-of-the-crisis

Anexos

Anexo I - Questionário

Turismo em tempos de pandemia: A visão da população residente no Porto sobre o presente e o futuro da atividade turística na cidade

O presente inquérito é parte do projeto de dissertação para conclusão do Mestrado em Gestão de Turismo pela Universidade Lusófona do Porto e pretende analisar a perceção da população residente na cidade do Porto relativamente ao turismo pós-covid.

1. Numa escala de 1 a 5, em que 1 é Discordo Totalmente, 2 Discordo, 3 Não Discordo nem Concorde, 4 Concorde e 5 Concorde Totalmente, avalie os **impactos positivos** do turismo na cidade do Porto:

Impactos Económicos	1	2	3	4	5
Permite a criação de emprego					
Desenvolvimento da economia local					
Aumento de investimentos na cidade					
Diversificação da atividade económica					
Aumento das receitas fiscais locais e nacionais					
Aumento dos rendimentos nas atividades relacionadas com o Turismo					

Impactos socio culturais	1	2	3	4	5
Reaparecimento das tradições e partilha cultural com os visitantes					
Renovação da identidade e do orgulho da sua própria cultura					
Aumento da qualidade de vida da comunidade					
Melhoria das acessibilidades e meios de transporte					
Renovação e manutenção dos espaços públicos					
Contribui para a proteção e promoção do património					

Impactos ambientais	1	2	3	4	5
Proteção da vida selvagem e das áreas protegidas					
Maior sensibilização para a proteção dos recursos					
Adoção de medidas para preservar o meio ambiente					
Criação de recursos para a preservação do meio ambiente					
Aperfeiçoamento do plano de gestão ambiental					
Maior preocupação por manter a cidade higienizada					

2. Numa escala de 1 a 5, em que 1 é Discordo Totalmente, 2 Discordo, 3 Não Discordo nem Concordo, 4 Concordo e 5 Concordo Totalmente, avalie os **impactos negativos** do turismo na cidade do Porto:

Impactos económicos	1	2	3	4	5
Aumento do custo de vida para os residentes					
Inflação dos preços					
Desigualdade na distribuição dos benefícios económicos					
Prioridade de investimentos para atividades que estimulam a atividade turística					
Dependência económica em relação turismo					
Aumento das despesas públicas					

Impactos sócio culturais	1	2	3	4	5
Aumento da criminalidade e vandalismo					
Aumento do congestionamento de trânsito					
Maior número de pessoas na cidade					
Maior sentimento de insegurança					
Perda de identidade do destino					
Especulação imobiliária					

Impactos ambientais	1	2	3	4	5
Aumento da poluição do ar e da água					
Alterações na água do mar provocadas pela atividade turística					
Excesso de desperdício causado pelo turismo					
Poluição sonora e visual					
Escassez dos recursos naturais necessários à população					
Aumento do lixo produzido na cidade					

3. Numa escala de 1 a 5, em que 1 é Discordo Totalmente, 2 Discordo, 3 Não discordo nem Concordo, 4 Concordo e 5 Concordo Totalmente, avalie o seu **grau de envolvimento** com o turismo na cidade do Porto:

	1	2	3	4	5
Apoio fortemente o desenvolvimento do Turismo					
Participo ativamente na divulgação do destino					
Procuro informar-me sobre as políticas e medidas exercidas pelo Turismo do Porto					
Participo no planeamento do Turismo					
Concordo com a forma como o Turismo no Porto esta a ser gerido					
Gosto de interagir com os turistas					
Altero os meus hábitos de vida devido aos turistas					

4. Numa escala de 1 a 5, em que 1 é Discordo Totalmente, 2 Discordo, 3 Não discordo nem Concordo, 4 Concordo e 5 Concordo Totalmente, avalie de que forma gostaria que o turismo no Porto se **desenvolvesse futuramente**:

	1	2	3	4	5
Gostaria de ver mais turistas na cidade					
Devem ser criadas medidas para atrair mais turistas					
A cidade do Porto não precisa de mais turistas					
Devem ser criadas medidas para reduzir o número de turistas no Porto					
Gostaria que existisse uma maior harmonia e interação entre turistas e residentes					
Gostaria de ver mais residentes a morar no centro histórico do Porto					
Devem ser implementadas leis que permitam que os preços dos imóveis não aumentem em detrimento da atividade turística					

	Péssima	Má	Satisfatória	Boa	Excelente
5. Em termos gerais, qual a sua opinião sobre o Turismo no Porto					

	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito Alto
6. Como descreveria o fluxo atual do Turismo no Porto					

	Muito menos	Menos	O mesmo	Mais	Muito Mais
7. Neste momento, gostaria que houvesse mais ou menos turismo no Porto					

	Péssima	Má	Satisfatória	Boa	Excelente
8. Anteriormente à Covid-19, qual a sua opinião acerca do desenvolvimento do turismo no Porto					

	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito Alto
9. Anteriormente à Covid-19, como descreveria o fluxo do Turismo no Porto					

Caracterização da Amostra:

10. Nasceu no Porto?

Sim ☐

Não ☐

11. Sempre residiu no Porto?

Sim ☐

Não ☐

12. Há quanto tempo reside no Porto?

Menos de 6 meses ☐

Entre 6 meses e 1 ano ☐

Entre 1 e 3 anos ☐

Mais de 3 anos ☐

13. Em que freguesia reside atualmente:

União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde ☐

União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória ☐

União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos ☐

Bonfim ☐

Campanhã ☐

Paranhos ☐

Ramalde ☐

14. Sexo

Feminino ☐

Masculino ☐

15. Idade

Até 18 ☐

Entre 19 e 35 anos ☐

Entre 36 e 50 anos ☐

Entre 51 e 65 anos ☐

Mais de 66 ☐

16. Habilitações literárias

Nível básico (até ao 9º ano) ☐

Nível Secundário (até ao 12º ano) ☐

Licenciatura ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

17. Situação face ao emprego

Desempregado ☐

Trabalhador por conta própria ☐

Trabalhador por conta de outrem ☐

Estudante ☐

Reformado ☐

18. Trabalha no Centro Histórico do Porto

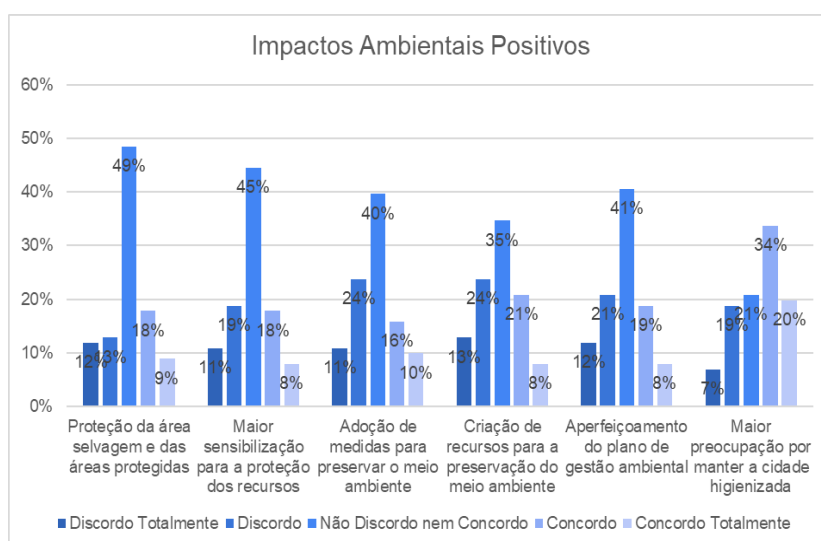
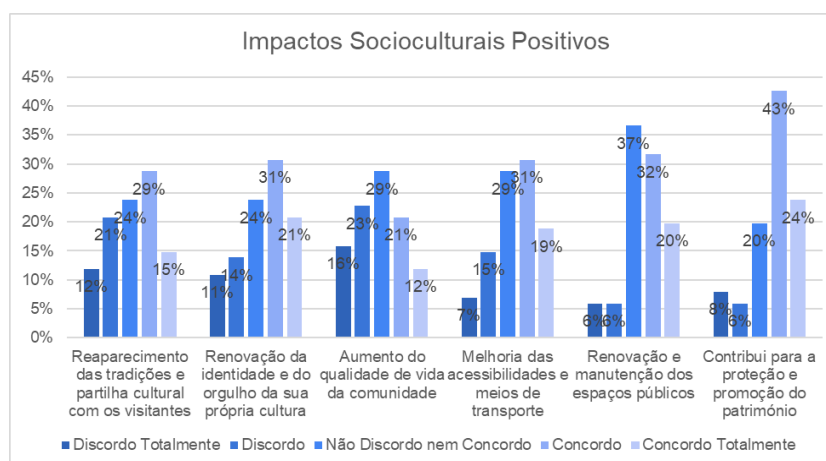
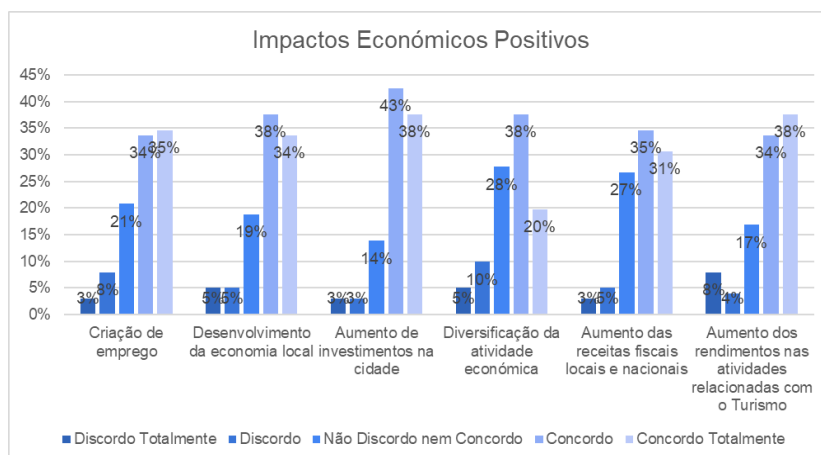
Sim ☐

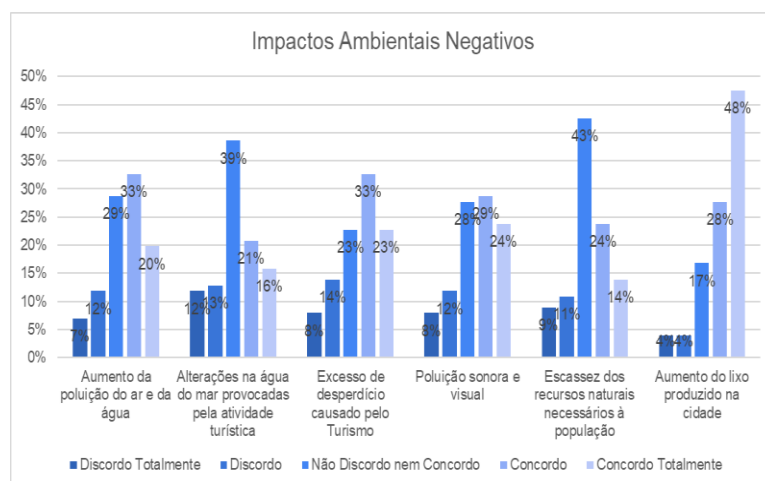
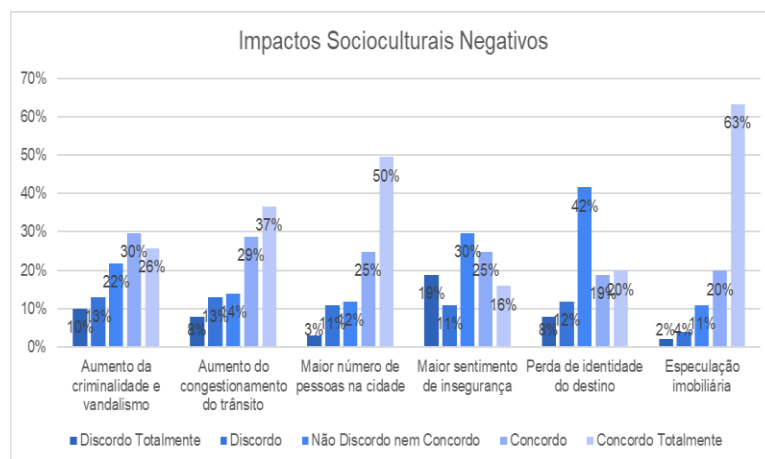
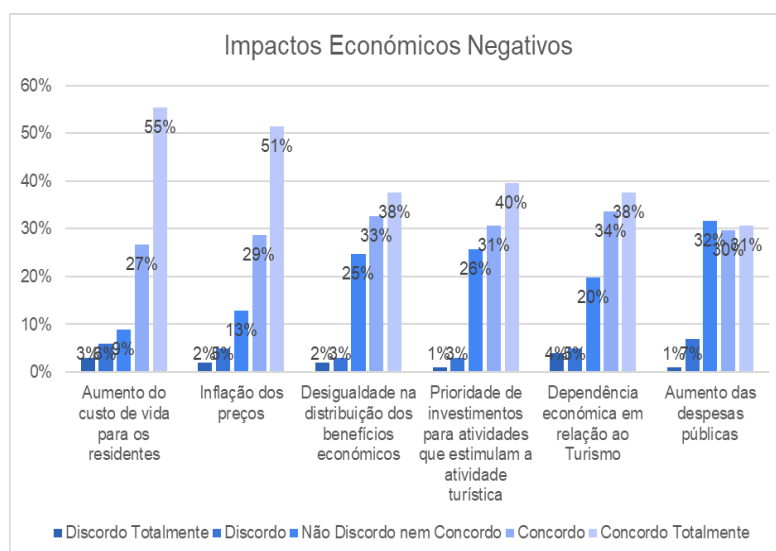
Não ☐

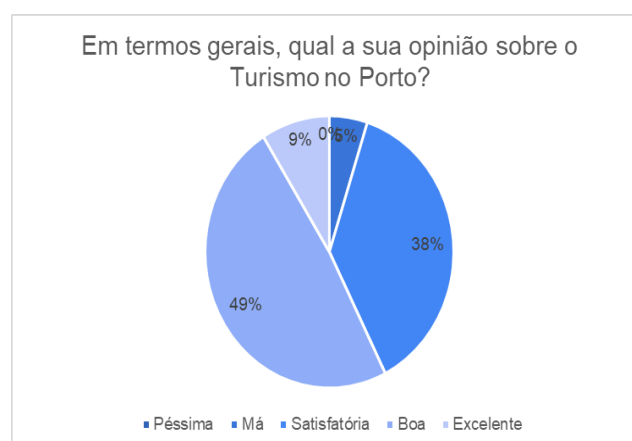
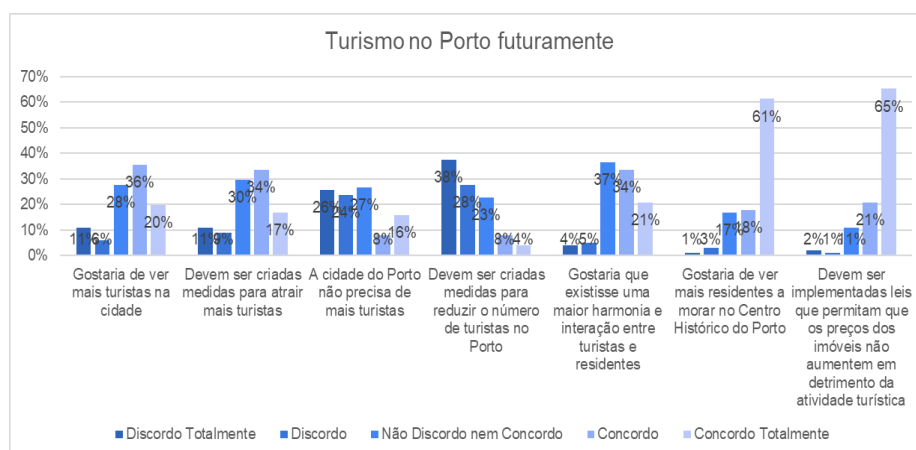
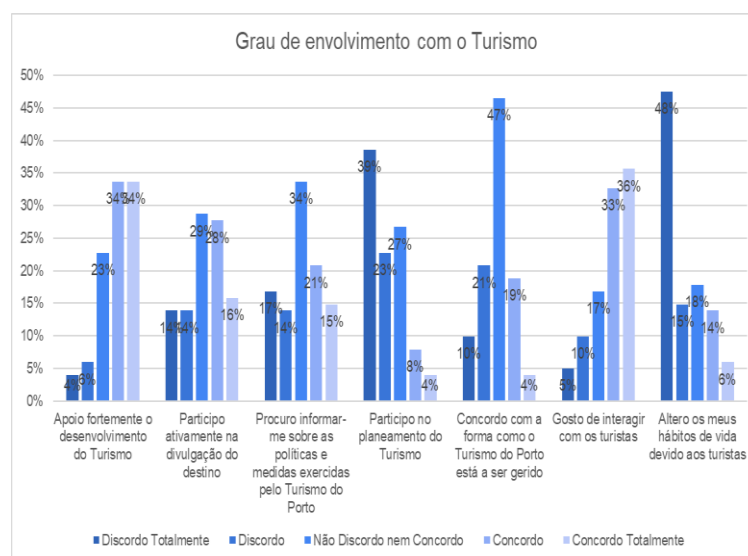
19. Profissão _____

As suas respostas são confidenciais.
Obrigada pela sua colaboração!

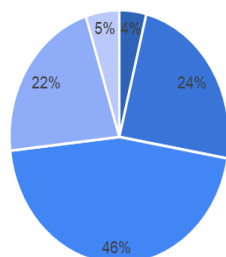
Anexo II – Gráficos e tabelas





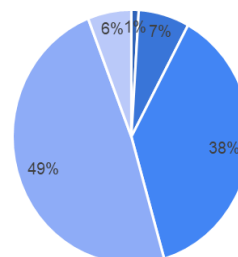


Como descreveria o fluxo atual do Turismo no Porto?



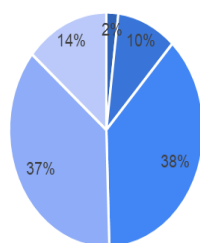
■ Muito Baixo ■ Baixo ■ Moderado ■ Alto ■ Muito Alto

Neste momento, gostaria que houvesse mais ou menos Turismo no Porto?



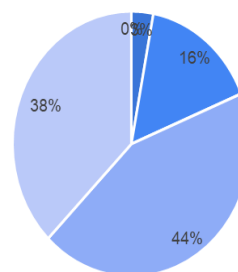
■ Muito Menos ■ Menos ■ O Mesmo ■ Mais ■ Muito Mais

Anteriormente à Covid-19, qual a sua opinião acerca do desenvolvimento do Turismo no Porto?



■ Péssima ■ Má ■ Satisfatória ■ Boa ■ Excelente

Anteriormente à Covid-19, como descreveria o fluxo do Turismo no Porto?



■ Muito Baixo ■ Baixo ■ Moderado ■ Alto ■ Muito Alto

Impactos Económicos Positivos								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	3%	8%	21%	34%	35%	3,9	4	1,067
A2	5%	5%	19%	38%	34%	3,9	4	1,082
A3	3%	3%	14%	43%	38%	4,1	4	0,95
A4	5%	10%	28%	38%	20%	3,6	4	1,071
A5	3%	5%	27%	35%	31%	3,9	4	1,014
A6	8%	4%	17%	34%	38%	3,9	4	1,191

Impactos Socioculturais Positivos								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	12%	21%	24%	29%	15%	3,1	3	1,249
A2	11%	14%	24%	31%	21%	3,4	4	1,263
A3	16%	23%	29%	21%	12%	2,9	3	1,245
A4	7%	15%	29%	31%	19%	3,4	3	1,158
A5	6%	6%	37%	32%	20%	3,5	4	1,064
A6	8%	6%	20%	43%	24%	3,7	4	1,140

Impactos Ambientais Positivos								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	12%	13%	49%	18%	9%	3,0	3	1,072
A2	11%	19%	45%	18%	8%	2,9	3	1,061
A3	11%	24%	40%	16%	10%	2,9	3	1,109
A4	13%	24%	35%	21%	8%	2,9	3	1,128
A5	12%	21%	41%	19%	8%	2,9	3	1,091
A6	7%	19%	21%	34%	20%	3,4	4	1,201

Impactos Económicos Negativos								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	3%	6%	9%	27%	55%	4,3	5	1,045
A2	2%	5%	13%	29%	51%	4,2	5	0,989
A3	2%	3%	25%	33%	38%	4,0	4	0,964
A4	1%	3%	26%	31%	40%	4,0	4	0,931
A5	4%	5%	20%	34%	38%	4,0	4	1,067
A6	1%	7%	32%	30%	31%	3,8	4	0,984

Impactos Socioculturais Negativos								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	10%	13%	22%	30%	26%	3,5	4	1,278
A2	8%	13%	14%	29%	37%	3,7	4	1,295
A3	3%	11%	12%	25%	50%	4,1	4	1,151
A4	19%	11%	30%	25%	16%	3,1	3	1,324
A5	8%	12%	42%	19%	20%	3,3	3	1,155
A6	2%	4%	11%	20%	63%	4,4	5	0,969

Impactos Ambientais Negativos								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	7%	12%	29%	33%	20%	3,5	4	1,145
A2	12%	13%	39%	21%	16%	3,2	3	1,198
A3	8%	1%	23%	33%	23%	3,5	4	1,213
A4	8%	12%	28%	29%	24%	3,5	4	1,205
A5	9%	11%	43%	24%	14%	3,2	3	1,103
A6	4%	4%	17%	28%	48%	4,1	4	1,076

Grau de envolvimento com o Turismo								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	4%	6%	23%	34%	34%	3,9	4	1,074
A2	14%	14%	29%	28%	16%	3,2	3	1,26
A3	17%	14%	34%	21%	15%	3,0	3	1,276
A4	39%	23%	27%	8%	4%	2,2	2	1,147
A5	10%	21%	47%	19%	4%	2,9	3	0,97
A6	5%	10%	17%	33%	36%	3,8	4	1,164
A7	48%	15%	18%	14%	6%	2,2	2	1,317

Turismo no Porto futuramente								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
A1	11%	6%	28%	36%	20%	3,5	4	1,197
A2	11%	9%	30%	34%	17%	3,4	4	1,189
A3	26%	24%	27%	8%	16%	2,6	3	1,368
A4	38%	28%	23%	8%	4%	2,1	2	1,128
A5	4%	5%	37%	34%	21%	3,6	4	0,999
A6	1%	3%	17%	18%	61%	4,4	5	0,934
A7	2%	1%	11%	21%	65%	4,5	5	0,878

Turismo no Porto								
	1	2	3	4	5	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Em termos gerais, qual a sua opinião sobre o Turismo no Porto?	0%	5%	38%	49%	9%	3,6	4	0,721
Como descreveria o fluxo atual do Turismo no Porto?	4%	24%	46%	22%	5%	3,0	3	0,906
Neste momento, gostaria que houvesse mais ou menos Turismo no Porto?	1%	7%	38%	49%	5%	3,5	4	0,756
Anteriormente à Covid-19, qual a sua opinião acerca do desenvolvimento do Turismo no Porto?	2%	10%	38%	37%	14%	3,5	4	0,923
Anteriormente à Covid-19, como descreveria o fluxo do Turismo no Porto?	0%	3%	16%	44%	38%	4,2	4	0,797